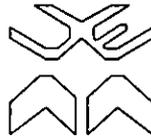


301.7
LIP

PPV.60

01/07

PPV.60



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
Departamento de Produção e Protecção Vegetal

Tese de Licenciatura



**Organizações Comunitárias de Base e sua Contribuição no
Desenvolvimento do Projecto Parque Nacional de Limpopo**

Supervisor: Eng.º Luis Artur (MSc)

Secção: Comunicação e Sociologia Agrária

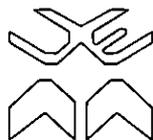
Autor: Lacerda Zacarias Lipangue

Maputo, Novembro de 2004



P. P. V. 66

Organizações comunitárias de base e sua contribuição no desenvolvimento do projecto parque nacional de Limpopo



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
Departamento de Produção e Protecção Vegetal

Tese de Licenciatura

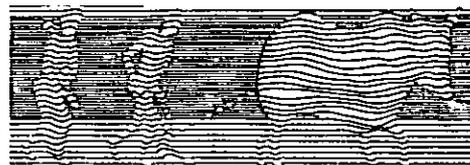
Supervisor: Eng.º Luís Artur (MSc)

Secção: Comunicação e Sociologia Agrária

**Organizações Comunitárias de Base e sua Contribuição no
Desenvolvimento do Projecto Parque Nacional de Limpopo**

Autor: Lacerda Zacarias Lipangue

Maputo, Novembro de 2004



INDICE	Pág.
Dedicatória	v
Agradecimentos.....	vi
Lista de Abreviaturas.....	vii
Lista de tabelas, quadros e anexos.....	viii
Sumário.....	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Problema de estudo e justificação	2
1.2. Objectivos	2
<i>1.2.1. Objectivo Geral</i>	<i>2</i>
<i>1.2.2. Objectivos específicos.....</i>	<i>3</i>
2. QUADRO TEÓRICO.....	4
2.1. Conceitos de comunidade rural, camponês e organização	4
2.2. Formas de Organização da Comunidade Rural	6
2.3. Conceito e aspectos de Desenvolvimento rural.....	9
3. LOCAL DE PESQUISA	12
4. METODOLOGIA.....	14
4.1. Métodos.....	14
4.2. População da Amostra	14
4.3. Procedimento	15
4.4. Limitações do estudo	16
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
5.1. Descrição do Projecto do Parque Nacional de Limpopo.....	17
<i>5.1.1. Historial.....</i>	<i>17</i>
<i>5.1.2. Estrutura e Funcionamento do Parque Nacional de Limpopo (PNL).....</i>	<i>18</i>
<i>5.1.3. Actividades e sua implementação.....</i>	<i>20</i>
<i>5.1.4. Ligação entre o PNL e a comunidade Local.....</i>	<i>21</i>
5.2. Grupos camponeses praticantes de ajuda mutua	22
<i>5.2.1. Critérios de aderência.....</i>	<i>25</i>
<i>5.2.2. Perspectivas dos grupos de camponeses praticantes de ajuda mútua</i>	<i>26</i>
5.3. Grupos religiosos	27
<i>5.3.1. Aderência nos grupos</i>	<i>29</i>

5.3.2. <i>Perspectivas dos grupos</i>	30
5.4. Necessidades e aspectos socio-económicos das organizações comunitárias de base estudadas	30
5.4.1. <i>Necessidades das Organizações Comunitárias de Base</i>	30
5.4.2. <i>Análise de alguns aspectos socio-económicos das Organizações Comunitárias de Base</i> ...	33
5.5. Interação entre o Parque Nacional Limpopo e as organizações comunitárias de base	39
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	42
6.1. <i>Conclusões</i>	42
6.2. <i>Recomendações</i>	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	47

Dedicatória

Dedico este trabalho à Ivo Zacarias Lipangue, Elinieta Zacarias Lipangue, a minha namorada Néusia Jorge Cuco e ao meu filho Adérito Lacerda Lipangue.

Agradecimentos

À minha mãe Luísa Map'sanganhe, aos meus irmãos Sérgio Lipangue, Emílio Lipangue, Elinieta Lipangue, Zacarias Lipangue pelo apoio prestado durante a minha formação.

Ao meu supervisor Engº Luís Artur, pela paciência e compreensão durante a realização do trabalho.

Ao Dr. Anibal Morgado e dr. Paulo Albino Mahumane pelas correcções prestadas no trabalho e também pelo apoio moral.

À Áreas de Conservação Transfronteira, em especial para a Dra. Tânia e dr. Germano pela paciência que tiveram em ceder a informação para a realização desta pesquisa.

Aos últimos extensionista da secção, Engº Sansão Honwana, Engº Ovídio Nota, Engº António Sabão, Engº Marcos Massas, Samora Vuma, Pascoal Mapilele, Naziazeno Amado e João Chale.

Aos melhores amigos Engº Ilidio Molnar, Engº Rogério Sitole, Engº Sansão Honwana, Benedito Magaia e José Pires obrigado pelo apoio cedido durante o percurso académico assim como na consecução deste trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	-----	Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados
ACTF	-----	Área de Conservação Transfronteira
ADR	-----	Apontamentos de Desenvolvimento Rural
AF's	-----	Agregados familiares
DFID	-----	Departamento para o Desenvolvimento Internacional
DNAC	-----	Direcção Nacional das Áreas de Conservação
DNDR	-----	Direcção Nacional de Desenvolvimento Rural
DNFFB	-----	Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia
GCG	-----	Grupo Conjunto de Gestão
GNP	-----	Gonarezhou National Park
INE	-----	Instituto Nacional de Estatística
KNP	-----	Kruger National Park (Parque Nacional de Kruger)
MADER	-----	Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural
MITUR	-----	Ministério do Turismo
OCB's	-----	Organizações Comunitárias de Base
PGD	-----	Plano de Gestão de Desenvolvimento do Parque Nacional de Limpopo
PNL	-----	Parque Nacional de Limpopo
PNUD	-----	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PTLG	-----	Parque Transfronteiriço de Grande Limpopo
RCNDS	-----	Relatório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável
RSA	-----	República da África do Sul
UICN	-----	União Mundial para a Conservação da Natureza
UNAC	-----	União Nacional de Camponeses
WR	-----	World Relief (Auxílio Mundial)
GKG	-----	Gaza/Kruger/Gonarezhou

Lista de Tabelas, Quadros e Anexos

Lista de Tabelas

Tabela 1: Relação entre homens e mulheres entrevistados membros das OCB's.....	Anexo 1
Tabela 2: Relação entre homens e mulheres jovens e idosos entrevistados nas OCB's.....	Anexo 1
Tabela 3: Número de entrevistados por aldeia e OCB.....	Anexo 1
Tabela 4: Critérios para a aderência dos membros nos grupos de ajuda mutual.....	página 26
Tabela 5: Perspectivas de grupos de ajuda mútua.....	página 27
Tabela 6: Levantamento da necessidades dos grupos religiosos.....	página 31
Tabela 7: Levantamento das necessidades dos de camponeses praticantes de ajuda mútua.....	página 32
Tabela 8: Avaliação das necessidades das Organizações Comunitárias de Base.....	página 32
Tabela 9: Frequência da existência ou não de conflitos nas OCB's	página 34

Lista de Quadros

Quadro 1: Satisfação do aspecto económico pelas OCB's.....	página 37
Quadro 2 Pontos fortes e fracos das OCB'	página 38
Quadro 3: Satisfação dos objectivos do PNL por grupos de camponeses	página 39
Quadro 4: Objectivos das OCB's e permanência dos membros.....	página 40

Lista de Anexos

Anexo 1: Tabelas de relação entre homens e mulheres nas OCB's	pagina 48
Anexo 2: Guião com pontos de atenção para entrevista semi-estruturada (Check .list).....	pagina 49
Anexo 3: Mapa da área de estudo (distrito de Chicualacuala).....	pagina 52
Anexo 4: Organograma da Estrutura do funcionamento do PNL.....	pagina 53

Sumário

A presente pesquisa tinha como tema “Organizações Comunitárias de Base (OCB’s) e sua contribuição no desenvolvimento do projecto Parque Nacional de Limpopo (PNL)”. Foi realizado nas aldeias de Ngala, Buiela e Tchowe na localidade de Mapai-rio, distrito de Chicualacuala, província de Gaza, envolvendo as OCB’s. O estudo tinha como objectivo geral, identificar as organizações comunitárias de base e analisar a sua possível contribuição no desenvolvimento do projecto PNL na localidade de Mapai, distrito de Chicualacuala, província de Gaza e os específicos descrever as características do projecto PNL, identificar as formas de ajuda mútua e grupos religiosos existentes em Mapai-rio com foco para a actividade agrícola, analisar as necessidades e aspectos socio-económicos das OCB’s e a interacção entre as OCB’s e o PNL.

Para a recolha de dados foram utilizadas como técnicas a consulta de dados secundários, observação simples, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados membros das OCB’s e técnicos das ACTF’s. A selecção dos membros de grupos religiosos foi feita aleatoriamente. Para os grupos de ajuda mútua, por serem constituídos por um número de membros inferior a 8 entrevistou-se todos os membros. Os dados foram analisados através do método do agrupamento por coincidência de padrões e a fundamentação dos resultados teve como base estudos feitos por Manhiça *et al.*, (1989), van Vugt (1992), e Pijnenburg *et al.* (2000), principalmente para análise da dinâmica interna dos grupos. Os objectivos e actividades a serem executados pelas comunidades no PNL, foram usadas para a consolidação da análise da contribuição das OCB’s no projecto.

Os resultados da pesquisa indicaram que os grupos de ajuda mútua são formados com o objectivo ganharem tempo nas actividades, como também reduzir a dureza do trabalho. Enquanto que os grupos religiosos tinham como objectivo o melhoramento das instalações da igreja, como também ajudar os seus crentes. No geral as OCB’s praticavam a actividade agrícola para as culturas de milho, feijão-nhemba, abóbora e as suas necessidades estão relacionadas com os instrumentos de trabalho, motobomba, protecção contra compradores especuladores, repovoamento pecuário e estabelecimento comercial. Quanto à contribuição das OCB’s no PNL, foi visto que actualmente é pouco provável, porque, para o envolvimento da comunidade o parque funciona em base nos comités, dos quais alguns elementos são seleccionados para certas funções. No futuro, as OCB’s podem contribuir no desenvolvimento do PNL, através do auto-emprego, turismo comunitário, projectos de criatividade, fornecimento de produtos à indústrias hoteleiras, caso de legumes, produtos de artesanato.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos tem sido advogado a necessidade de países (vizinhos) explorarem a possibilidade de gestão conjunta de recursos naturais e o desenvolvimento de oportunidades conjuntas de turismo. É neste âmbito que países como África do Sul, Moçambique e Zimbabwe procuram desde 1999 desenvolver o Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo (PTGL).

O PTGL que inclui os três países acima mencionados, especificamente do lado moçambicano engloba a ex-coutada 16 (actualmente Parque Nacional de Limpopo), uma área que era destinada a habitação das comunidades e desenvolvimento de actividades para o seu sustento. O projecto do Parque, insere-se nas iniciativas das Áreas de Conservação Transfronteira, onde os principais objectivos são: contribuir para o melhoramento da biodiversidade e dos ecossistemas; desenvolvimento conjunto do turismo e, proporcionar e consolidar o ambiente de paz e incentivar o sector privado, comunidades locais, organizações não governamentais e outros parceiros relevantes a participarem na gestão dos recursos naturais e desenvolvimento do ecoturismo; promover a colaboração internacional na gestão dos recursos naturais.

De acordo com as directrizes da literatura, mudanças desta natureza, podem trazer repercussões positivas ou negativas para as comunidades abrangidas pelo projecto, em particular para grupos de camponeses organizados. As repercussões negativas podem estar relacionadas com o não envolvimento da mesma comunidade para o levantamento dos seus objectivos e sua opinião em relação ao projecto e as suas reais necessidades. A probabilidade de repercussões positivas é maior quando a comunidade é envolvida e ouvida em relação as suas necessidades, objectivos e contribuição em termos do conhecimento e actividades. O sucesso desta iniciativa, depende em grande parte do envolvimento das comunidades locais. Porém a contribuição da comunidade local, depende igualmente da sua própria organização.

O presente estudo, pretende avaliar a contribuição comunitária no PNL (Parque Nacional de Limpopo), através das suas organizações – Organizações Comunitárias de Base (OCB's), em particular realce para grupos de ajuda mútua e religiosos. O estudo foi efectuado nas aldeias de Ngala, Buiela e Tchowe na localidade de Mapai-rio, distrito de Chicualacuala, província de Gaza.

1.1. Problema de estudo e justificação

O papel das organizações de base é uma questão actual em muitos projectos de desenvolvimento (Beaudoux e Nieuwkerk, 1995). Reconhece-se que o esforço para o desenvolvimento rural poderá fracassar se não se tomar em conta a dimensão da vida das comunidades locais no geral e Organizações Comunitárias de Base em particular (Chilundo e Cau, 1999 citando Waner, 1991 e Mafalacusser, 1995). As OCB's possuem potencialidades que podem proporcionar o desenvolvimento, contribuindo de forma sustentável nos projectos ao nível local.

Apesar da importância que o projecto de PNL tem, como o desenvolvimento do norte de Gaza principalmente na área económica, é preciso como atrás referido que se tome em conta o papel das organizações locais de base no processo de desenvolvimento de qualquer região.

Não havendo estudos feitos acerca das Organizações Comunitárias de Base em Mapai-rio (Chicualacuala) e não se sabendo de que maneira estas podem contribuir para o desenvolvimento e implantação do Parque Nacional de Limpopo e em outros projectos de desenvolvimento rural, o presente estudo visa produzir informação a este respeito e espera-se que contribua com informação para a Área de Conservação Transfronteira (ACTF) e várias entidades que pretenderão estabelecer projectos de desenvolvimento ao nível local. Será útil também aos grupos e a comunidade local no geral, ter projectos com os quais se identificam.

1.2. Objectivos

A presente pesquisa tem como objectivos geral e específicos:

1.2.1. Objectivo Geral

➤ Identificar as organizações comunitárias de base praticantes da actividade agrícola e analisar a sua possível contribuição no desenvolvimento do projecto Parque Nacional de Limpopo na localidade de Mapai, distrito de Chicualacuala, província de Gaza.

1.2.2. Objectivos específicos

- Descrever as características do projecto Parque Nacional de Limpopo
- Identificar as formas de ajuda mútua existentes em Mapai-rio praticadas na agricultura.
- Identificar os grupos religiosos praticantes da actividade agrícola em Mapai-rio.
- Analisar as necessidades as aspectos socio-económicos das organizações comunitárias de base.
- Analisar a interligação existente entre as organizações comunitárias de base e o projecto Parque Nacional de Limpopo.

2. QUADRO TEÓRICO

O presente capítulo, debruça-se sobre várias teorias ligadas as OCB's e desenvolvimento rural. Inclui também definições sobre comunidade rural, camponês, organização e desenvolvimento. Estas definições e teorias são tidas como base para a compreensão desta pesquisa e também para sustentar a discussão dos resultados.

2.1. Conceitos de comunidade rural, camponês e organização

Comunidade rural

Dos diferentes autores que definem a *comunidade rural*, constatei que é um conjunto de populações que vivem numa mesma área rural, compartilhando os mesmos recursos e com uma certa fronteira entre eles.

Suportando a minha definição, a Lei de Terras nº 19/97 artigo 1, define a *comunidade rural* como agrupamento de famílias e indivíduos vivendo numa circunscrição territorial de nível de localidade ou inferior que visa salvaguardar os interesses comuns através da protecção de áreas habitacionais, áreas agrícolas, sejam cultivadas ou em pousio, florestas, sítios da importância cultural, fontes de água e áreas de expansão.

Para Olen e Roy (1981), a *comunidade rural* é um grupo e seus membros residindo numa área rural suficientemente próximos uns dos outros para permitir a interacção social, que é a base da existência do grupo.

Camponês

Diversos autores, relacionam o conceito camponês ligado á comunidade rural desenvolvendo a actividade agrícola. Mas, no geral *camponês* é indivíduo vivendo na área rural, praticamente no campo, exercendo diversas actividades desde agrícola, construção de casas, mesmo a comercialização praticamente do seus excedentes de com o intuito de manter uma economia de subsistência.

Mas de acordo com o estudo feito por Cardoso (1993), citando Ellis (1988), *Camponês* são unidades de produção agrária, com acesso a Terra como meio de subsistência, utilizando principalmente mão-de-obra familiar, sempre localizado em sistemas económicos abrangentes, caracterizados

fundamentalmente pela integração parcial em mercado que tendem a funcionar com elevado grau de imperfeição.

Organização

Das diversas percepções de autores, a organização converge em grupos de pessoas, mesmos objectivos, podendo haver ou não haver a hierarquização no seio do grupo. Portanto uma *organização* seria a união de pessoas na qual apresentam a definição comum dos seus objectivos, com a presença ou não da estrutura hierárquica, podendo ser formal ou informal e com uma definição clara das tarefas a serem efectuadas. Mas, alguns dos autores abaixo mencionados apresentam abordagens acerca do que é uma organização.

Para Vijfhuizen e Waterhouse (2001), a *organização* é uma unidade de pessoas orientadas para um objectivo comum, hierarquizadas com uma cooperação e colaboração tendo como elementos a divisão de trabalho, coordenação. Os objectivos podem ser a produção, o mercado, os lucros, o crescimento e a continuidade.

A *organização* é um processo através do qual a população desenvolve principalmente a capacidade para agir de forma concertada para adquirir, conservar e exercer o poder necessário à participação activa na gestão da qualidade de vida (Ferrinho, 1993).

Para Hicks & Gullet (1976), uma *organização* existe quando duas ou mais pessoas interagem entre si, afim de alcançarem objectivos eficazmente através da combinação de suas capacidades e dos seus recursos pessoais. A condição para a existência de uma organização é a interacção entre as pessoas e que o sucesso ou insucesso dela é determinada pela qualidade das interacções entre os membros do grupo.

Tradicional

De acordo com van Vugt (1990) a palavra *tradicional* implica que a existência da organização já tem uma história longa e que a iniciativa para a formação da organização nasceu da própria comunidade e está baseada nos seus hábitos culturais.

Organizações locais

Organizações locais são organizações de iniciativas locais dentro duma comunidade, por interesse de um grupo. São uma interessante mistura de objectivos modernos e conhecimento antigo (Blunt e

Warren, 1996). Neste trabalho as palavras local, tradicional e informal, de base são consideradas sinónimos e usadas com igual significado.

2.2. Formas de Organização da Comunidade Rural

Desde tempos remotos, as comunidades rurais vêm-se organizando em grupos de natureza variada, como forma de fazer face a problemas que individualmente seriam de difícil se não mesmo de impossível solução. O povo moçambicano desenvolveu muitas relações sociais de forma a garantir a sobrevivência a curto e longo prazos como, por exemplo, as actividades de ajuda mútua, nomeadamente “Cofunana” e “Xitique” (van Vugt, 1992).

Daí, as *organizações comunitárias de base* são grupos de camponeses formados dentro da comunidade que se juntam para a satisfação dos seus objectivos, realizando diversas actividades (em consenso do grupo), e são o resultado das iniciativas locais de organização¹. As formas de organização podem ser:

i) Camponeses praticantes de ajuda mútua

De acordo com van Vugt (1992), são grupos informais/tradicionais, em geral camponeses do sector familiar que convivem fortemente com familiares e os vizinhos, de forma a tentar resolver os seus problemas colectivamente, baseados nos hábitos tradicionais da comunidade. A ajuda mútua é um destes hábitos tradicionais, com o objectivo de obtenção de alguns insumos essenciais na agricultura, como a mão-de-obra (para apoio recíproco nas machambas, construção de casas), meios de produção e crédito. Manhiça *et al.*, (1989) e van Vugt, (1992) descrevem as seguintes formas de ajuda mútua:

“Cofunana” é um sistema rotativo de troca da mão de obra em que não é preciso oferecer bebida ou comida aos participantes depois do acabamento do trabalho. É especialmente organizado pelos camponeses pobres, pois não existe a obrigação de oferecer refeições, os membros do grupo normalmente trabalham durante alguns dias seguidos nas suas respectivas machambas, de uma forma rotativa (van Vugt, 1992). Os grupos podem variar entre 4 a 7 membros.

“Tsimá” é a realização duma operação pontual, seguida de celebrações. Com “tsimá” realizam-se trabalhos que custam muita mão de obra e que devem ser feitos o mais rápido possível para não perder a produção agrícola (van Vugt, 1992). Trata-se de um sistema de reciprocidade e de ajuda mútua, seja

¹ Definição elaborado com intervenção da dr^a. Antoinette van Vugt

de troca de trabalho por bebida (Cerveja tradicional) ou por comida e bebida (Manhiça *et al.*, 1989). No "tsima" os grupos são formados por cerca de 6 a 20 membros, consoante a dimensão das actividades a realizar e da bebida e comida disponíveis.

"Kurimela" é também a realização de uma operação pontual, em que há necessidade de realizar com rapidez um certo trabalho que exige esforço conjugado e, por um lado, há o interesse por algumas famílias em obterem o que não possuem. Isto, dá origem à cooperação do tipo trabalho contra produtos e géneros (*kurimela*).

Eliseu (1987), diz que nesta prática (*kurimela*), o interessado põe a disposição os produtos que tem, os vizinhos acorrem ao apelo, mas a tarefa pode ser realizado por partes, uma vez que cada um pode levantar a quantidade para a qual acha capaz de compensar em trabalho.

Adam *et al.*, (1985), fez um trabalho sobre ajuda mútua no distrito de Chiuta na província de Tete, tendo chegado às seguintes conclusões:

- As três formas de ajuda mútua (*cofunana, tsima e kurimela*), praticados visam aumentar a capacidade e força de trabalho disponível numa determinada família;
- Faz-se ajuda mútua para tarefas agrícolas, essencialmente nas sachas e construção de casas para habitação, a serem realizadas num curto espaço de tempo;
- O *tsima e kurimela* favorecem aos camponeses mais abastados, dado terem recursos e meios para fornecer comida e bebida e;
- A formação dos grupos de ajuda mútua baseia-se na existência de uma relação de familiaridade, simpatia entre as pessoas, honestidade e vontade de trabalhar, com o intuito de subsistência familiar.

Manhiça *et al.*, (1989) sustenta que, a existência destas formas tradicionais de organizações de camponeses, como sistemas de ajuda mútua e trabalho colectivo, permitem aos camponeses disporem de mão-de-obra suficiente para a produção, ao mesmo tempo que cumprem uma função social. De acordo com os mesmos autores algumas destas formas de trabalho ou ajuda mútua, hipoteticamente podem enquadrar-se hoje dentro das "estratégias de sobrevivência".

ii) Grupos religiosos

São grupos “homogêneos” de crentes que se organizam praticando actividades agrícolas ou não com o objectivo de resolver colectivamente problemas que lhes afligem individualmente e colectivamente².

Estes grupos tem grande influência sobre a vida humana. Há ensinamentos religiosos que se aplicam em qualquer situação, e os líderes de assuntos religiosos podem ajudar aos projectos indicando a sua aprovação e sua convicção de que o projecto não infringe as normas estabelecidas (Olen e Roy, 1981). Os mesmos autores, dizem que como os grupos religiosos tratam de proteger a moralidade das pessoas, o que é um conceito muito amplo, eles sentem a necessidade de examinar cuidadosamente qualquer ideia nova que possa resultar na mudança da vida tradicional. Entretanto, a afinidade dos interesses desses grupos e dos projectos de desenvolvimento referentes ao bem-estar das pessoas torna possível a sua contribuição. Ainda, em algumas comunidades, o êxito de projectos dependerá da cooperação que oferecem os líderes oficiais da igreja.

Classificação das organizações comunitárias de base

De acordo com Beaudox e Nieuwkerk (1985), Quadro (1991), Blunt e Warren (1996), existe um leque de organizações, desde os tradicionais (informais) até as associações e cooperativas (formais). Dentro destas cada uma diferenciando doutra em termos dos seus objectivos, cultura, participação, divisão de trabalho, coordenação e colaboração (Vijfhuizen e Waterhouse, 2001).

As organizações podem classificar-se quanto ao *estatuto* e quanto á *persistência* dos grupos. Quanto ao *estatuto* podem ser *formais* e *informais* que também podem ser tradicionais. As formais tem uma descrição de tarefas, procedimento e uma política de funcionamento (Vijfhuizen e Waterhouse, 2001). Elas são caracterizadas por regras e regulamentos formalizados por escrito e por estruturas de posições e hierarquia que ordenam as relações entre os indivíduos ou órgãos componentes (Chiavenato, 1995).

As organizações *informais* repousam especialmente em relações pessoais, que segundo Da Graça *et al.*, (1998) citado por Amós (2002) carecem de um reconhecimento legal dos poderes públicos, mas são legítimas para a comunidade que representam ou em que se encontram inseridas. A base de legitimidade pode ser o poder tradicional, religião, clã, idade, classes sociais, vizinhança e outros factores que diferenciam a organização social da comunidade. Estas caracterizam-se por ter uma estrutura organizacional mais difusa que pode estar ausente ou claramente definida. Os órgãos são eleitos com base no carisma pessoal ou a influência que estas podem denotar.

² Definição elaborada pelo pesquisador dado a não existência na diversa literatura consultada

E quanto à *persistência*, podem ser *temporários*, formados para a realização de uma certa actividade pontual, praticamente de curto espaço de tempo, sem no entanto os membros continuarem com a evolução do grupo, enquanto que grupos *fixos*, são grupos formados para a realização de actividades de uma forma duradoira, cujo o tempo pode variar de um mais anos, sem no entanto o grupo decompor-se.s

Fonseca (1993), afirma que na abordagem das organizações comunitárias, devem ser realçados os fins que os camponeses ou membros do colectivo, ao se juntarem, querem atingir. O elemento vital para a coesão interna de um colectivo, é a máxima clareza para todos os membros desses fins e dos meios e vias a utilizar.

Existem várias formas de organizações da comunidade rural, mas para este trabalho apenas tratar-se-á das organizações informais identificadas na área da pesquisa que estão directamente ligados a área da agricultura, nomeadamente os grupos de ajuda mútua e religiosos.

2.3. Conceito e aspectos de Desenvolvimento rural

Neste sub-capítulo, são definidos, os conceitos desenvolvimento, desenvolvimento rural, e faz se uma visão do desenvolvimento rural no âmbito nacional. São igualmente abordados os aspectos socio-económicos de desenvolvimento rural tidos como importantes para o envolvimento das OCB's em projectos de desenvolvimento rural.

Desenvolvimento

É uma mudança ou conjunto de mudanças conducentes a uma nova situação de acordo com metas, objectivos, alvos e tempo específico (ADR, 2002). O desenvolvimento encontra-se ligado mais directamente a uma qualquer forma de acção ou intervenção para influenciar o processo global de mudança social. É um conceito dinâmico que sugere a alteração duma situação anterior, ou afastamento dela (Oakley & Garforth,1992).

Desenvolvimento rural

Na óptica do Ferrinho (1993), *desenvolvimento rural* significa a introdução de inovações nas formas de pensar, sentir e agir das populações, relativamente a todos os aspectos da sua vida: ambiente, organização social, cultura e personalidade de pessoas.

Para Oakley & Garforth (1992), o *desenvolvimento rural* é um processo integrado, com objectivos económicos e sociais, que deve procurar transformar a sociedade rural e providenciar um sustentamento melhor e mais seguro à sua população. Assim, o desenvolvimento rural, é um processo de análise, detecção de problemas e propostas de soluções pertinentes.

A Direcção Nacional de Desenvolvimento Rural (DNDR), vê a pobreza associada ao fraco desenvolvimento da agricultura, e o desenvolvimento rural ocupando um lugar de destaque nas agendas sobre o desenvolvimento económico e social do país (DNDR, 2000). A mesma instituição observa que os modelos de desenvolvimento implementados ao longo do tempo não lograram gerar uma dinâmica local cuja reprodução assenta na complementaridade de movimentos económicos, sociais, culturais e políticos em que se envolvem pessoas singulares e colectivas. Daí que, o desenvolvimento é um processo cultural integrado, carregado de valores, englobando o ambiente natural, as relações sociais, e educação, a produção, o consumo, o bem estar, e a base de desenvolvimento de uma sociedade tem de ser com os seus próprios recursos naturais e humanos.

Aspectos socio-económicos de desenvolvimento rural

De acordo com a DNDR (2000), a estratégia de desenvolvimento rural reafirma uma abordagem multisectorial, baseada numa intervenção centrada nos actores, no qual o homem desempenha um papel primordial, tendo em conta as características do meio em que está inserido. Com um dos pressupostos fundamentais a participação comunitária, que é importante para o envolvimento directo das comunidades locais em projectos e no processo de desenvolvimento.

A DNDR (2000), vê no geral como aspectos sócio-económicos importantes para o desenvolvimento rural, o ambiente natural na qual estão envolvidos os actores, as relações sociais, a educação, a produção, o consumo, e o bem estar. Pijenburg *et. al.* (2000), afirmam que aspectos sociais e económicos são importantes para a participação em projectos de desenvolvimento rural ao nível local pelas OCB's. Estes aspectos caracterizam o conhecimento do meio local em que estão envolvidos os grupos, como também a experiência na contribuição em diferentes eventos ao nível local e também a permanência dos membros no seio do grupo. Os aspectos socio-económicos a considerar incluem:

1. *Coesão social*, é medido através da (i) existência de conflitos no seio da organização, e maneira ou formas de resolver esses problemas, (ii) colaboração dos membros no grupo e (iii) aceitação dos objectivos pelo grupo. Inclui também a existência de relações inter-familiares (as pessoas se conhecem

a muito tempo), preservação da cultura e tradição. A coesão social é considerada forte se os problemas forem resolvidos internamente no seio do grupo, e a colaboração dos membros e aceitação dos objectivos se façam sentir no seio do grupo.

2. *O Capital social* demonstrado através da (i) participação em trabalhos com outras organizações locais (parceria), (ii) existência de formas de poupança da organização e/ou formas de ajuda mútua no seio dos membros, e (iii) confiança entre os membros. De acordo DFID (1988), a análise do capital social, exige que se tome em conta a qualidade e as tendências das organizações comunitárias. O que requer um estudo mais profundo e prolongado que consiga fornecer tendências qualitativas das OCB's.

3. *Participação nas intervenções externas* relacionado com o número de vezes que uma organização tenha participado nas actividades empreendidas por uma intervenção externa, mas, salienta-se que esta depende da existência destes projectos no local. A participação nas intervenções, demonstra uma certa experiência em termos de contribuição ou trabalho em diversas intervenções de desenvolvimento.

4. *No aspecto económico* os principais "itens" que classificam este aspecto são (i) actividades da machamba, (ii) da pecuária, (iii) a geração de rendas, com a venda de produtos da machamba, pecuária, (v) formas de ajuda mútua e (vi) formas de crédito existentes, por forma à manutenção de uma economia de subsistência que rege por normas não escritas mas aceites plenamente pelos membros.

Os aspectos económicos serão empregues na análise da interacção do projecto com as OCB's, como por exemplo, as actividades praticadas por estes grupos, se vão de acordo com as previstas no Parque Nacional de Limpopo. Enquanto isto os aspectos sociais serão analisados sobretudo para a dinâmica interna das OCB's.

3. LOCAL DE PESQUISA

O estudo foi realizado no distrito de Chicualacuala, na província de Gaza, Sul de Moçambique (Ver anexo 4). O distrito tem três postos administrativos: Eduardo Mondlane, Pafúri e Mapai. O posto administrativo de Mapai onde o estudo foi realizado é constituído por duas localidades Mpuze e Mapai-rio.

No distrito o Governo está representado através das Direcções Distritais de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DDADR), Educação, Saúde e Acção Social. Para além destes sectores, destaca-se também a presença dos representantes da Polícia, tribunal, Direcção de Identificação Civil e Registo Civil.

Chicualacuala tem uma população de 38.298 habitantes, com uma densidade de 2 habitantes/Km² (INE, 2002). A UICN (2001), refere que, as comunidades são constituídas maioritariamente por mulheres em idade reprodutiva, e o chefe do agregado familiar é sempre o homem, cuja relação conjugal é a união marital, com carácter poligâmico (em média 4 esposas), predominando a filiação patrilinear³. A maioria da população é de origem Tsonga e falantes de Changane.

De acordo com ACNUR & PNUD (1996), a superfície do distrito é de 16.035 Km², dos quais 64,92 Km² ou seja 6.492 hectares constituem a área cultivada pelas famílias camponesas, portanto, cada família em média cultiva 1.1 ha, tendo como milho (*Zea mays*), feijão-nhemba (*Vigna Unguiculata*), mapira (*Sorghum vulgare*) e arroz (*Oryza sativa*) as principais culturas.

As temperaturas anuais variam entre 22 a 24° C no inverno e 24 a 26° C no verão, cortada pelas isolinhas de precipitação que variam entre 400-600 mm na época chuvosa (Outubro a Março) e de 0-400 mm na estação seca. O relevo próximo ao rio Limpopo é baixo relativamente extenso, com solos fluviais de alta fertilidade ao longo dos rios Limpopo, Shinguezi e dos Elefantes, embora seja difícil trabalhar (UICN, 2001).

Não obstante a questão do clima semi-árido, o distrito possui um potencial agrícola constituído por regiões altas com terras vastas para a pastagem e terras baixas ao longo do rio Limpopo para a produção de milho, feijão e hortícolas (ACNUR & PNUD, 1996). A agricultura é a principal fonte de subsistência da maior parte da população do distrito.

³ A criança esta ligada à linha paterna (do pai), lado do esposo. Deste modo os filhos são identificados pelo nome do pai.

Em relação a pecuária, criam-se neste distrito, animais de pequena espécie como galinhas (*Gallus spp*) e patos (*Anas platyrhynchos*); cria-se também cabritos (*Capra hircus*), ovelhas (*Ovis aries*), porcos (*Sus scrofa*), bois (*Bos taurus*) e coelhos (*Oryctolagus cuniculis*) para o consumo familiar e/ou comercialização, onde a criação do gado, principalmente bovino ocupa a segunda posição ao nível do país⁴.

A agricultura de subsistência (98% dos AF's), criação de gado (75% dos AF's) e pesca artesanal são os principais meios de sustento às famílias. Além destas actividades as famílias tem outros meios para o sustento, que são actividades comerciais e/ou emprego nas minas da África do Sul, da qual resulta uma ligação desta comunidade com a RAS (UICN, 2001).

Duma forma geral, as infra-estruturas sociais existentes em Chicualacuala (escolas, postos de saúde, barracas) são todas de material local. Não existem estradas em condições fáceis de transitabilidade e, nem pontes que ligam as comunidades com as vilas e/ou cidades. A água que se consome na comunidade é tirada do rio Limpopo e dos furos. A comercialização é dominada única e exclusivamente por vendedores ambulantes.

O índice de escolaridade é baixo, o que pode estar relacionado com o baixo número e condições das escolas existentes, limitando o acesso as crianças em idade escolar. Inclue-se também, os hábitos e cultura das zonas rurais, onde a criança em idade escolar deve participar activamente em actividades familiares (agricultura, pecuária, caça e colecta de produtos florestais madeireiros e não madeireiros). Por outro lado, a tradição local prioriza para ambos os sexos a participação em ritos de iniciação que perturbam o desempenho escolar, pois, incitam adolescentes a casamentos prematuros e maternidade precoce especialmente para o sexo feminino.

⁴ Fonte: INE (1999-2000), Censo Agro-pecuário: representação sumárias dos resultados.

4. METODOLOGIA

4.1. Métodos

Iniciou-se com a consulta de literatura como a primeira técnica usada para o desenho da proposta. Para a recolha dos dados, várias técnicas abordadas por Pijenburg & Cavane (2000) foram usadas, a destacar as entrevistas semi-estruturadas, observação simples e conversa informal. A entrevista semi-estruturada permitiu aprofundar (sondar) mais nas questões, enriquecendo o estudo que se pretendia exploratório.

Os dados foram analisados através do método de "pattern matching" ou agrupamento por "coincidência de padrões", com o uso da tabulação (Matakala, 1998). Isto é, as respostas das entrevistas foram codificadas e em seguida agrupadas em respostas semelhantes para perguntas idênticas.

4.2. População da Amostra

Dado a localidade de Mapai-rio ser constituída por cerca de 11 aldeias, a selecção destas para a pesquisa baseou-se na informação fornecida pelo Sr. Augusto Roque⁵. As variáveis usadas para a selecção foram a distância, vias de acesso para o alcance das comunidades/grupos e alojamento, idênticas às usadas por Pijenburg *et al.*, (2000). Outro factor foi a localização das células perto do rio Limpopo onde existe um potencial para a prática da agricultura, áreas de pastagens e existência de Organizações Comunitárias de Base.

Para o trabalho foram entrevistado um total de 57 pessoas (ver anexo 1, tabela 1 e 3)⁶ das quais 18 da aldeia de Ngala, todos praticantes de ajuda mútua. 20 em Buiela sendo 12 camponeses que praticam ajuda mútua e 8 membros do grupo religioso da Assembleia de Deus de Buiela. 19 em Tchowe, sendo 8 membros do grupo religioso da Igreja Zione e 11 camponeses praticantes de ajuda mútua e três técnicos das Áreas de Conservação Transfronteira. Portanto a amostra foi definida, com base em Nichols (1991), afirmando que para as pesquisas exploratórias em que se pretende fazer a descrição de

⁵ Técnico do posto administrativo que coordena com todas as instituições/ONG's que pretendam operar em Mapai-rio e é assistente dos agricultores.

⁶ Relação entre homens e mulheres (tabela 1), e resumo de amostras (tabela 3), ver anexo 1.

um certo assunto, não faz sentido usar uma grande amostra, neste sentido um tamanho da amostra entre 30 à 50 normalmente é suficiente.

Para a selecção dos entrevistados nos grupos religiosos, obedeceu-se o seguinte critério. Por exemplo, para o grupo da igreja Zione, com 29 membros para a selecção dos 8 entrevistados, dividiu-se 29/8 e por defeito 3. Daqui entrevistou-se a 3^a, a 6^a, a 9^a pessoa até completar os 8 membros. Enquanto que para os grupos de ajuda mútua, por serem constituídos por um número de membros inferior a 8, optou-se por entrevistar todos os membros, de modo a obter uma amostra significativa.

O critério usado para identificação das Organizações Comunitárias de Base foi o de "existência", usado por Amós (2002). O critério significa identificar os grupos que realizam as suas actividades na zona de estudo, dos quais os seus membros foram entrevistadas.

4.3. Procedimento

A primeira fase começou-se com a revisão de literatura relacionada com o tema em questão, como livros, jornais, revistas, consulta às instituições que trabalham directa ou indirectamente com as comunidades na área de estudo, Mapai-rio.

O método de análise de dados (coincidência de padrões) permitiu a tabulação das respostas das entrevistas e posterior distribuição de frequências das respostas. Enquanto que as entrevistas semi-estruturadas foram feitas aos camponeses praticantes de ajuda mútua, membros dos grupos religiosos e aos técnicos das ACTF's. A observação simples no terreno de factos que estiveram ao alcance do pesquisador e a revisão bibliográfica de relatórios, livros e outros materiais permitiu a consolidação de aspectos que eram focados na entrevistas semi-estruturadas. A conversa informal foi também uma técnica importante para a recolha de informações, relacionada com a organização local quando a partir das entrevistas semi-estruturadas as pessoas não se abriam.

Por fim, foi feita a sistematização e análise das respostas provenientes das entrevistas aos informantes chaves, membros dos grupos de camponeses praticantes de formas de ajuda mútua e de grupos religiosos. Apresenta-se primeiro a descrição de algumas características do projecto Parque Nacional de Limpopo e em seguida a identificação e descrição dos grupos de camponeses praticantes de ajuda mútua e dos grupos religiosos. Por fim é feita a análise da interacção entre o PNL e as OCB's.

A interpretação foi mais qualitativa, para permitir a descrição com mais profundidade e reconhecimento de diversas situações. É de salientar que usou-se os objectivos definidos no PNL, as teorias sobre os aspectos sócio-económicos de desenvolvimento rural e os conceitos pesquisados que foram apresentados no quadro teórico como forma de sustentar algumas opiniões e discussões deste trabalho.

4.4. Limitações do estudo

Durante os 18 dias de trabalho de campo, o pesquisador alojou-se na célula de Buiela, deslocando-se a pé, com o auxílio de um guia no local para a colecta de dados.

Dado a questões de tempo, este estudo cingiu-se apenas ao estudo das organizações comunitárias de base, com enfoque aos grupos que estão directamente ligados à agricultura.

A literatura é escassa, não existem estudos feitos neste distrito em termos da agricultura, organizações e movimento associativo no geral.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo é feita a interpretação dos dados, e sua análise. Apresenta-se primeiro a descrição do projecto do Parque Nacional de Limpopo e em seguida a identificação e descrição dos grupos de camponeses praticantes de ajuda mútua e dos grupos religiosos. Por fim é feita a análise da interacção entre o PNL e as OCB's.

5.1. Descrição do Projecto do Parque Nacional de Limpopo

5.1.1. Historial

O Parque Transfronteiriço de Grande Limpopo (PTGL) insere-se nas iniciativas das áreas de conservação Transfronteiriça levadas a cabo por Moçambique, África do Sul e Zimbabwe. O tratado sobre o estabelecimento deste parque, surge como um corolário de uma série de actividades realizadas pelos três países, e que tiveram o seu início no princípio de década 90.

De acordo com MITUR (2003), em Novembro de 1999 foi rubricado em Maputo entre as Repúblicas de Moçambique, da África do Sul e do Zimbabwe, um memorando de entendimento para o estabelecimento do acordo sobre as Áreas de Conservação Transfronteira. O memorando estabeleceu dois comités Ministerial e técnico. Os comités tinham a missão de fazer a preparação das condições necessárias para a efectivação das ACTF.

Em 10 de Novembro de 2000 os Ministros do Ambiente e Turismo das Repúblicas da África do Sul, e do Zimbabwe e o Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural de Moçambique celebraram o Acordo sobre o estabelecimento do Parque Transfronteiriço de Gaza/Kruger/Gonarezhou (GKG). O acordo estabelecido previa a ligação do Parque Nacional de Limpopo (PNL) aos Parque Nacional de Kruger (PNK) na RSA e do Gonarezhou no Zimbabwe. A 4 de outubro de 2001, a cancela que separa o PNK e o PNL foi aberta pelo ex-presidente da RSA, Nelson Mandela e uma manada de 25 elefantes foi solta na área da antiga Coutada 16.

Em Dezembro de 2001 foi proclamado em Moçambique o PNL, na área que outrora era a coutada 16, e finalmente, a 9 de Dezembro de 2002, os chefes de estado de Moçambique, África do Sul e Zimbabwe assinaram o tratado que formalmente estabelece o PTGL.

5.1.2. Estrutura e Funcionamento do Parque Nacional de Limpopo (PNL)

O PNL é constituído pela Unidade de Implementação do Projecto- UIP, (Ver anexo 5), tendo uma ligação com as ACTF, e funciona como elo de ligação entre as diversas actividades e projectos que são necessários ser executados no PTGL. Este elo canaliza a informação necessária para o Director do Parque e ao Director do projecto PNL como também ao nível superior que são as ACTF's. Em relação ao Director de Parque e do Projecto não existe uma subordinação, executando tarefas que cada um lhe compete. Apenas estes canalizam as actividades necessárias para os gestores dos seis programas, os quais ditam o funcionamento do PNL. A salientar que em todo o organograma o fluxo de informação é de cima para baixo e vice-versa.

Quanto ao funcionamento particular do PNL, este baseia-se em seis programas, que são o (i) *comunitário*, (ii) o *turismo*, (iii) a *protecção*, (iv) a *conservação*, (v) a *administração* e (vi) a *pesquisa e monitoria*.

Para o programa *comunitário*, o PNL estabeleceu os comités do parque, com o objectivo de facilitar a ligação e/ou aproximação entre a comunidade e o projecto. Pretende-se assim que a população tenha uma contribuição preponderante nos objectivos do parque e também defenda os seus interesses. De acordo com o programa *comunitário*, sempre que possível a comunidade deve ser incorporada nos cursos de capacitação, incluindo os que dizem respeito às vedações e outras realizações.

No programa de *turismo*, dado a oportunidade de expandir o ecoturismo no parque, elaborou-se um plano de desenvolvimento turístico "da selva à praia". O que se pretende com este "slogan" é que os turistas terão a possibilidade de visitar os animais bravios no PTGL e daí terão também a possibilidade de ir até à costa moçambicana, onde podem desfrutar as praias. Para isso neste momento estão a ser traçadas rotas que colocarão em prática o programa.

Quanto à *protecção*, o Comité Ministerial definiu o nível ideal do pessoal de segurança, as suas necessidades e padrões de treino e o equipamento apropriado, como também o envolvimento de todas as partes interessadas na planificação da cerca no perímetro do PNL. Em relação à *Conservação*, dr. Germano, coordenador do projecto na área comunitária, referiu que a política moçambicana ainda não definiu limitações no uso dos recursos naturais mas, existe o acompanhamento dos técnicos no uso dos recursos pela comunidade, dado ter se definido nos regulamentos de cada parque, que as pessoas que viverem sempre nos parques ou áreas adjacentes devem ter acesso preferencial aos recursos. Daí que,

está-se a fazer o mapeamento do uso de terra para que as comunidades explorem os recursos do parque em zonas predefinidas.

O programa de *administração*, tem como áreas de desenvolvimento os *recursos humanos*, *promoção de investimentos*, *facilitação de viagens* e *gestão de visitantes* que à seguir são descritos;

Recursos Humanos: Foram desenhados planos ao nível nacional para reforçar a capacitação e treino. O objectivo principal desta componente está ligada ao facto de o desenvolvimento do turismo requerer que os planeadores de destinos, os gestores, os reguladores e os promotores compreendam as suas respectivas incumbências.

Promoção de investimentos: o PNL, oferece uma oportunidade de planeamento ao nível nacional, do qual podem extrair-se oportunidades de investimento numa abordagem multiramificada como oportunidades de pacotes de investimento numa escala suficientemente grande para ter impacto na economia, pequenos projectos eco-turísticos e oportunidades de investimento baseados na comunidade local.

Facilitação de viagens: esta componente abrange todo o PTGL, e define-se que dentro deste os visitantes devem deslocar-se sem obstáculos de um parque para o outro apesar de atravessarem fronteiras. E a longo prazo, toda a periferia deverá ser cercada de modo a garantir que pessoas e mercadorias só passem através de postos de fronteiras oficiais.

Gestão de visitantes: esta área surge como resultado do desafio que o acesso físico a alguns recursos culturais e naturais mais sensíveis associados com o parque vão trazer consigo. Dado a gestão dos visitantes ter menos a ver com o número de pessoas e mais a ver com o seu comportamento. A equipe de gestão do PNL confrontar-se-á em resolver questões de visitantes, de modo a lidarem com os problemas do seu impacto social e ambiental, através, da adopção de uma abordagem racional do planeamento tanto em termos de conservação como do turismo, necessidade do envolvimento público, promoção de gestão de qualidade para os turistas.

Quanto ao *programa de pesquisa e monitoria*, actualmente está a funcionar em parceria com o programa comunitário e de conservação como forma de encontrarem mecanismos conjuntos de solucionar os problemas das comunidades e prevenção de possíveis doenças, dado as recentes deslocções dos animais do KNP para o PNL, e, estes encontrando novos ecossistemas. Enquanto que

nas comunidades a pesquisa das áreas para o reassentamento das comunidades é o que tem mais enfoque do momento.

5.1.3. Actividades e sua implementação

Segundo o MITUR (2003), as ACTF's definiram seis objectivos do PTGL, que são os seguintes (i) contribuir para o melhoramento da conservação da biodiversidade e dos ecossistemas, através da protecção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais; (ii) incentivar o sector privado, comunidades locais, ONG's e outros parceiros relevantes a participarem na gestão dos recursos naturais e desenvolvimento do ecoturismo; (iii) promover a colaboração internacional na gestão dos recursos naturais e desenvolvimento conjunto do turismo; (iv) proporcionar e consolidar o ambiente de paz; (v) O desenvolvimento do turismo e consequente melhoramento das condições de vida das populações e por fim (vi) incremento da oportunidade de emprego, através da criação de postos de trabalho para as comunidades locais. De acordo com dr. Germano, afirmou que, para as OCB's contribuírem e desempenharem um papel de desenvolvimento no PNL, é necessário que satisfaçam os objectivos acima mencionados.

As actividades actuais do PNL, não passam das que foram celebradas durante o tratado ou na assinatura do memorando, que incluem a satisfação de três (3) dos objectivos apontados pelo MITUR (2003), que são:

- ◆ A protecção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais
- ◆ O desenvolvimento do ecoturismo e consequente melhoramento das condições de vida das comunidades
- ◆ Incremento de oportunidade de emprego

À seguir são descritas as actividades ligadas a estes objectivos:

Em relação a *protecção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais*. As actividades ligadas a *protecção*, incluem o mapeamento de uso de terra, o reassentamento das famílias que serão removidos para fora da área pré-definida do parque, a construção de vedação, o recrutamento, treinamento e equipamento de agentes de segurança do parque. Em relação à *conservação e uso sustentável dos recursos naturais*, ainda não existem mecanismos traçados neste sentido, porque, segundo os responsáveis, o parque ainda é novo e os mecanismos estão em desenvolvimento. Porém, existe um monitoramento dos animais que é feito no santuário, que é o local onde estes habitam, esperando que

se reproduzam e com o reassentamento das comunidades em área fora do parque aí poderão circular livremente. Para além disso, tem sido levado a cabo, seminários sobre gestão de conflitos nos quais a comunidade é chamada a participar.

Em relação ao *desenvolvimento do ecoturismo*, ainda estão a ser desenvolvidos vias de acesso para o alcance da diversidade ecológica existente no PNL, que será reforçado pela liberação dos animais no santuário.

O *incremento da oportunidade de emprego* abrange a formação dos guardas localmente, e espera-se que com as oportunidades de turismo, as pessoas que produzem produtos de artesanato poderão vender aos turistas, os que construírem casas podem acolher turistas, e com o nascimento da indústria hoteleira local, espera-se a criação de mais emprego, como por exemplo, o fornecimento de produtos alimentares às indústrias.

5.1.4. Ligação entre o PNL e a comunidade Local

Com a instalação do PNL, o Governo definiu 5 km de raio, desde a margem do rio Limpopo até a rede da vedação do parque, tornando se assim a terra limitante para a comunidade local. A necessidade da comunidade é de um raio de 25 Km desde a margem do rio até a rede de vedação. Daí que a criação do PNL originou mudanças na vida dos camponeses. Estas mudanças incluem a redução das áreas para machamba, pastagens, habitação e seu espaço de estratégia de sobrevivência e auto-sustento, tornando as comunidades mais sensíveis a condições adversas. A comunidade local tinha como recursos naturais que explorava no parque os combustíveis lenhosos (lenha e carvão), estacas para a construção, como também a caça de animais para alimentação.

Estas mudanças que desfavorecem a comunidade local, podem estar relacionadas com a forma da assinatura do acordo pelo Governo, o qual foi sem consultar as comunidades locais, violando claramente o princípio da lei de terra que segundo a mesma “a consulta das comunidades é obrigatória”.

Em entrevista com Dr^a Tânia da Direcção Nacional das Áreas de Conservação e dr. Germano, ambos coordenadores do projecto na área das comunidades, disseram que para possibilitarem a ligação entre o PNL e a comunidade local, o parque funciona com base nos comités, os quais são formados pela

comunidade local. Através dos comités a comunidade é facilmente envolvida no plano do desenvolvimento do parque, como por exemplo, a selecção dos guardas.

Segundo as mesmas fontes, o relacionamento poderá vir a ser mais forte, quando a comunidade começar a beneficiar-se no PNL do desenvolvimento do turismo, auto-emprego, turismo comunitário, que inclui visitas dos turistas às comunidades, podendo comprar certos produtos feitos localmente pela comunidade.

5.2. Grupos camponeses praticantes de ajuda mutua

Os grupos camponeses praticantes de ajuda mútua são uma forma das OCB's identificadas em Mapai-rio. Nos grupos de ajuda mútua as foram identificadas em todas as aldeias de pesquisa as formas cofunana e tsima.

(i) Camponeses praticantes de cofunana nas aldeias de pesquisa

Generalidades

Para a pesquisa, trabalhou-se com três grupos em Ngala, dois grupos em Buiela e dois grupos em Tchowe. No geral a distribuição dos membros no seio dos grupos varia de 4 a 7 por grupo, cultivando áreas que variam de 0,5 a 1 ha. Estes grupos são constituídos maioritariamente por mulheres⁷, devendo-se ao facto dos homens terem a tendência de imigrar para a RSA.

A formação dos grupos é de origem local, e a prática de *cofunana* era efectuada pelos seus antepassados, passando de geração em geração. A ajuda mútua *cofunana* é praticada principalmente para os trabalhos da machamba e raras vezes os grupos aplicam-o para a construção de casas. O objectivo da realização de *cofunana* é de ganhar tempo nas suas actividades, como também reduzir a dureza do trabalho individual. Por exemplo, para a agricultura, individualmente seria difícil para o camponês avançar rapidamente, ganhar o tempo de a humidade ainda estar a menor profundidade no solo, para permitir que as sementes consigam emergir facilmente. A formação destes grupos provém basicamente das relações inter-familiares, vizinhança, amizade, simpatia e vontade de trabalhar com outros.

Funcionamento

⁷ Relação de Homens e mulheres anexo 1, tabela 1

Funcionamento

Quanto a esta forma, não foram definidos estruturas de liderança. O princípio básico de funcionamento é a troca da mão-de-obra para todo o colectivo que faz parte do grupo, através da reciprocidade. Isto é, numa forma rotativa, todos os membros devem beneficiar-se da mão-de-obra. Realiza-se actividades no campo de um membro e depois passa-se para o do outro, até que todos se beneficiem. Em termos de instrumentos de trabalho, cada membro traz o seu material de casa, como enxadas, catanas para o exercício da actividade.

Tanto em Ngala, Buiela e Tchowe, a divisão do trabalho varia por actividade a realizar. Na abertura de um novo campo⁸ os homens desbravam a mata e as mulheres fazem a recolha do material cortado e na lavoura os homens é que utilizam os animais de tracção enquanto que as mulheres em seguida fazem a sementeira.

A definição do calendário de trabalho principalmente para a actividade agrícola, não varia para as aldeias visitadas. A definição de dias de trabalho, é feita consoante o consenso do grupo, o qual tem duas formas de exercer as actividades:

- (i) estabelecer dias de trabalho que variam de 1 a 2 dias no campo de um membro,
- (ii) trabalhar no campo de um e ao acabarem passam para o de outro membro, sem fixar o período.

Para a construção de casas não existe um estabelecimento de um calendário para o trabalho, dado este não ser frequente. Mas os membros podem ajudar no corte de capim, estacas e principalmente na construção da cobertura.

Todos os grupos praticantes de ajuda mútua, em todas as aldeias envolvidas nesta pesquisa, não praticam a comercialização em conjunto nem tem celeiros colectivos, apenas praticam actividades da machamba e raras vezes na construção de casas. Portanto o funcionamento desta OCB's pode dificultar a sua integração e contribuição no PNL, dado ser importante a prática da comercialização, a definição clara de estrutura e papeis, porém a construção de casas e actividades da machamba, já são pontos fortes para a sua contribuição.

⁷ Relação de Homens e mulheres anexo 1, tabela 1

⁸ Nesta actividade a maioria dos camponeses preferem fazer o tsima

(ii) Camponeses praticantes de tsima nas aldeias de pesquisa

O *tsima* foi também uma das formas de ajuda mútua identificada em Ngala, Buiela e Tchowe. A salientar que, para esta forma não foram identificados grupos fixos praticantes, porque, estes são formados durante uma operação pontual, que depois da qual são desfeitas. Daí que, para a análise desta forma de ajuda mútua apenas recorreu-se aos mesmos membros praticantes de *cofunana*, e que na maioria já participaram e realizaram operações deste género.

Generalidades

Para a realização de *tsima*, os membros podem variar de 6 a 22. O número depende mais da quantidade da comida e bebida preparada, os quais estão mais relacionados com a capacidade de quem necessita esta operação, como também do tamanho do trabalho a ser realizado. O *tsima* é mais efectuado para a abertura de uma machamba, recolha do produto no campo para a casa ou quando há necessidade da construção de uma casa e/ou celeiros. Na realização da actividade, não obedece a reciprocidade da mão-de-obra, depende das condições do necessitado, que praticamente tem sido alguém com recursos para suportar este tipo de evento.

Esta forma de ajuda mútua, também não foge a regra da outra analisada em relação a sua origem, que é ao nível local e o objectivo da sua realização é o término de uma operação pontual em curto espaço de tempo. A formação dos grupos de *tsima* está relacionado com as questões de amizade, vizinhança, inter-familiares e espírito de trabalho. Esta forma também é aplicada para a construção de casas.

Funcionamento

O funcionamento destes grupos temporários obedece uma programação feita pelo dono do trabalho, o qual informa aos seus mais próximos e confiados amigos, vizinhos ou familiares. Estes por sua vez podem informar mais pessoas no caso de houver maior necessidade da mão-de-obra. A programação das actividades não é fixa, visto que as actividades não são frequentes.

A divisão de trabalho é feita desde a preparação de comida, onde algum grupo vai ao campo e outro fica em casa. Os que ficam em casa são principalmente mulheres, enquanto que outro grupo vai ao campo trabalhar. A bebida (tradicional) é preparada com dias de antecedência para ser consumida depois do trabalho. Às vezes existe compra da bebida adicional no caso de se querer aumentar a quantidade existente. O dono do trabalho deve estar no campo para distribuir as tarefas e definir o que

é necessário ser feito, usando o mesmo género de divisão das tarefas vistas na realização de *cofunana*, para as actividades de abertura de campo e lavoura.

A constituição, funcionamento e a natureza destas formas não difere das estudadas por Manhiça *et al.*, (1989), van Vugt (1992), como também dos objectivos identificados por Adam *et al.*, (1985), apresentados no quadro teórico deste trabalho.

Para a contribuição no desenvolvimento do parque é necessário que os grupos sejam coesos, mas dado o funcionamento destes ser temporário, terão dificuldades no seu envolvimento nas actividades do PNL.

5.2.1. Critérios de aderência

Adam *et al.*, (1985), no seu estudo identificou as relações de familiaridade, simpatia entre as pessoas, honestidade e vontade de trabalhar, como critérios para a aderência nos grupos de ajuda mútua. Estes critérios são analisados à seguir.

Consoante a tabela 4 (abaixo), são observados três “itens” para a participação em grupos de ajuda mútua, os mesmos identificados por Adam *et al.*, (1985). A menor parte (1/18) dos inquiridos em Ngala responderam que para a entrada no grupo não se definem critérios, desde que o interessado se sinta capaz de exercer as actividades em parceria e que necessite de ajuda (necessidade em mão-de-obra). A mesma opinião foi pronunciada nas aldeias de Buiela (1/12) e na maior parte em Tchowe (5/11).

No total dos 41 entrevistados, 16 enfatizaram que a *simpatia*, *honestidade* e *espírito trabalhador* são os critérios fundamentais para a participação em grupos de ajuda mútua. As relações *inter-familiares*, *amizade* e *vizinhança* são os que dominam para as aldeias de Ngala (10/18) e Buiela (6/12).

Estes aspectos de formação de grupos foram identificados por Adam *et al.*, (1985), como também van Vugt (1992), Manhiça *et al.*, (1989) nos seus trabalhos. Todos referem que os grupos de ajuda mútua são formados na base das relações *inter-familiares*, *vizinhança*, com o intuito de manter uma economia de subsistência e sustento nas suas famílias.

Tabela 4. Critérios para a aderência dos membros nos grupos de ajuda mútua

Item	Nº de entrevistados em cada aldeia			Total N=41
	Ngala N=18	Buiela N=12	Tchowe N=11	
1. Amizade, familiaridade, vizinhança em função das suas habitações	10	6	2	18
2. Simpático, honesto e trabalhador	7	5	4	16
3. Não há nenhum critério (necessidade em mão-de-obra).	1	1	5	7

Nota: Estas percentagens incluem *cofunana* e *tsima*, dado os mesmos inquiridos praticarem as duas formas de ajuda mútua

O critério de simpatia, honestidade e espírito trabalhador é mais praticado por camponeses vizinhos em função dos seus campos, observando este comportamento ao longo do tempo. Enquanto que, a preferência pelo critério de amizade, familiaridade e vizinhança está relacionado com o entendimento entre os membros. O critério de amizade, familiaridade, vizinhança em termos das suas habitações é preferida pelos camponeses praticantes de *cofunana*, salientando que é mais fácil complementar a actividade do membro quando ele não for capaz de retribuir o efeito prestado. Para os camponeses praticantes de *tsima*, apenas afirmaram que estão habituadas a utilizar o critério acima.

Na visão do pesquisador esta maneira de proceder está ligado a transmissão de geração para geração destes hábitos, e esta comunidade está seguindo os mesmos princípios usados pelos seus antepassados. Ainda, um pormenor observado, é que existe a falta de definição dos critérios para a participação nos grupos, dado que, para os membros do mesmo grupo, principalmente de *tsima*, existem divergência na definição dos critérios. Deste modo, torna-se difícil recomendar o uso destes critérios para definir grupos com que se pretenda trabalhar nestas aldeias, tanto por parte do PNL como dos outros projectos de desenvolvimento. Mas apesar da desvantagem acima mencionada, o facto de membros saberem que é honesto, trabalhador, simpático já é crucial na selecção de indivíduos para incorporar no PNL.

5.2.2. Perspectivas dos grupos de camponeses praticantes de ajuda mútua

Na tabela 5, estão apresentadas as perspectivas destes grupos, onde a maior parte (28/41) focaram a realização de actividades que lhes rendem dinheiro em conjunto, para que consigam satisfazer as necessidades que requerem dinheiro, como por exemplo pôr os filhos a estudar. Outra perspectiva é

incluir mais membros, de modo que, consigam mais mão-de-obra e aumentar os seu campos. Se possível também organizar os grupos para controlar melhor os macacos.

Tabela 5. Perspectivas de grupos de ajuda mútua

Perspectivas	Nº de entrevistados em cada aldeia			Total N=41
	Ngala N=18	Buiela N=12	Tchowe N=11	
1. Aumento de número de membros	7	6	5	18
2. Realização de actividades lucrativas	8	9	11	28
3. Instrumentos e aumento da produção	11	7	6	24

5.3. Grupos religiosos

Os grupos religiosos fazem parte também das OCB's identificadas em Mapai-rio, particularmente nas aldeias de Buiela e Tchowe.

São grupos que desempenham diversas actividades religiosas. A sua inclusão nesta pesquisa deve-se ao facto de praticarem a actividade agrícola e serem formadas ao nível da comunidade local. Estes grupos são das igrejas Assembleia de Deus (Buiela) e Zione (Tchowe).

(i) Grupo da igreja Assembleia de Deus em Buiela

Generalidades

O grupo foi fundado em 2001, por iniciativa dos próprios membros. Tem cerca de 20 membros dos quais 11 são mulheres e 9 homens, praticando as culturas de milho (*Zea mays*), abóbora (*Cucurbita pepo*), feijão-nhamba (*Vigna unguiculata*) e feijão-manteiga (*Phaseolus vulgaris*), numa área de 2 Ha.

A formação deste grupo baseou-se nas necessidades dos crentes da igreja. Os crentes têm enfrentado dificuldades de custear as despesas de visitantes, membros doutras igrejas que tem acolhido e do "ukhume"⁹. Estas visitas, às vezes calham no período em que não se tem nada para contribuição e recepção dos hóspedes. Para isso, recorre-se aos produtos armazenados, provenientes da produção colectiva para cobrir as necessidades alimentares.

Outro objectivo da formação deste grupo é a reconstrução da igreja com o uso de material melhorado. Através do fundo proveniente da venda dos produtos da machamba, pensa-se na substituição do material local (capim e estacas) por convencional. Apesar dos objectivos mencionados acima serem os

principais, existe uma ajuda que é prestada às famílias e/ou crentes que apresentando necessidades alimentares, consegue-se tirar algum produto do celeiro para ajudá-los.

Todos os membros desta organização têm outras actividades fora das praticadas na machamba do grupo, trata-se da agricultura e a criação de gado (bovino e caprino). As culturas praticadas por estes membros são: o milho (*Zea mays*), feijão-nhemba (*Vigna unguiculata*), abóbora (*Cucurbita pepo*), mapira (*Sorghum spp.*), feijão-manteiga (*Phaseolus vulgaris*), batata-doce (*Ipomoea batatas*). Apenas 2 (dois) desenvolvem também a produção de hortícolas como alface (*Latuca sativa*), tomate (*Lycopersicum esculentum*) e cebola (*Allium cepa*), nos pequenos afluentes do rio Limpopo.

Funcionamento

Quanto às estruturas de direcção, este grupo não definiu o organograma, salientando que ainda está na fase inicial. Tem apenas o Lucas Vilanculos (Pastor da igreja) que em parceria com Jonas Mbezani (*muchumaele*¹⁰) que fazem a coordenação das actividades com os membros, incluindo a divisão de trabalho para cada actividade, sem no entanto existir um calendário fixo para a realização das actividades da machamba.

Na divisão de trabalho, para a abertura de um campo os homens fazem a destronca das árvores e as mulheres a limpeza do campo. Na lavoura, os homens usam os bois para a tracção e as mulheres fazem a sementeira e preparam a comida. O grupo não possui instrumentos para a realização das actividades pretendidas, recorrendo ao material proveniente dos seus membros.

Apesar da maioria dos membros possuir gado para a tracção, é usado gado de um membro pertencente ao grupo, que vive mais próximo, e às vezes no mesmo período que se trabalha na machamba do grupo, este pode ser precisado para exercer actividades na sua machamba individual.

(ii) Grupo da igreja zione em Tchowe

Generalidades

Foi fundada em 2002 e, é constituída por 29 membros, sendo 17 mulheres e 12 homens. O grupo é formado maioritariamente por idosas (ver anexo 1) e recém desloçadas à aldeia, praticando culturas de milho (*Zea mays*) e feijão-nhemba (*Vigna unguiculata*), numa parcela com cerca de 2 (dois) Ha.

⁹ Bens que saem no final do ano por parte dos crentes da Igreja (Cabritos, Milho, utensílios, e outros produtos)

¹⁰ Indivíduo que sucede ao Pastor da Igreja

Começou as suas actividades de cultivo no mesmo ano, as quais devido a condições climáticas (falta de chuvas na região), as culturas não tiveram bom desenvolvimento. Na época de 2003 foram semeadas as culturas acima referidas, em regime experimental dado o fracasso registado em 2002.

A ideia da formação do grupo foi do Sr. Paulo Tivane (pastor da igreja), tendo como objectivos a ampliação das instalações da igreja, com a venda de produtos provenientes deste campo e ajudar os crentes quando estiverem doentes, pode usar o fundo para se deslocar à hospitais com melhores condições que às locais.

Como o outro grupo religioso, os membros deste também têm actividades praticadas fora das efectuadas pelo colectivo, em que as principais são a agricultura e a pecuária. Na agricultura, as principais culturas são o milho (*Zea mays*), batata-doce (*Ipomoea batatas*), feijão-nhemba (*Vigna unguiculata*) e feijão-manteiga (*Phaseolus vulgaris*).

Funcionamento

Também não apresenta o organograma de direcção, como o anterior. Apenas o Sr. Paulo Tivane, é que coordena as actividades, sem definição dos dias fixos para o trabalho. Quando chega a fase destas, como o início da época agrícola, estes membros são informados durante as suas sessões da missa para a realização dos trabalhos. Com o consenso da maioria propõe-se o dia a realizar as actividades, baseando-se na disponibilidade de tempo por parte dos membros. Quem estiver irá trabalhar e quem não estiver não se aplica nenhuma sanção, mas participa em outros dias que estiver disponível.

Existe divisão de trabalho, onde os homens no período da abertura da machamba fazem a destronca das árvores e as mulheres a limpeza. Na lavoura os homens usam os bois para a tracção e as mulheres fazem a sementeira. Este grupo também não tem instrumentos próprios para a realização dos trabalhos de campo, apenas utiliza os instrumentos provenientes dos membros e no final das actividades cada um recolhe os seus.

5.3.1. Aderência nos grupos

Para ambos, o aspecto que dita a aderência é ser crente da igreja. Ao pertencer a igreja não existe mais nenhum critério adicional. O importante é a pessoa querer participar no grupo e sentir-se disponível. Neste aspecto os entrevistados afirmaram que aderem aos grupos porque estão de acordo com os objectivos traçados. A destacar que os membros do grupo da Assembleia sentem se bem no grupo e

porque também não foram obrigados a aderir. Enquanto que os membros do grupo da igreja zione aderem porque os objectivos traçados são básicos que um crente pode precisar numa igreja, que é ver a sua igreja melhorada e sua família com garantia de boa assistência médica em hospitais com melhores condições.

5.3.2. Perspectivas dos grupos

No grupo da *assembleia de Deus*, a principal perspectiva é conseguir albergar o maior número de membros, dado que no total são 55 e destes apenas 20 (36.4%) é que fazem parte do grupo. Pretende-se com isso aumentar mais 1.5 Ha da sua actual área de 2 Ha. Questionados acerca do menor número de membros, disseram que deve-se a maiores distâncias e falta de transporte, sendo difícil a deslocação frequente dos outros que queiram fazer parte do grupo. Também, dado a seca nestes últimos dois anos, existe uma tendência dos crentes que residem nas aldeias mais distantes efectuarem os trabalhos nos seus campos, de modo a ganhar tempo e posterior obtenção de sustento para as suas famílias, o que lhes leva a não fazer parte do grupo. Enquanto isto, o grupo da *igreja zione*, tem como perspectivas conseguir melhorar instalações da igreja, ter instrumentos de trabalho, executar diversas actividades como a criação de gado bovino e caprino.

5.4. Necessidades e aspectos socio-económicos das organizações comunitárias de base estudadas

A análise efectuada neste sub-capítulo, inclui em simultâneo, as formas de ajuda mútua e grupos religiosos. A análise das necessidades também será vista de uma forma geral para as aldeias de pesquisa. Os aspectos socio-ecómicos e as necessidades levantadas são tidos como importantes para o estudo da implantação de projectos de desenvolvimento rural com a inclusão das organizações comunitárias de base.

5.4.1. Necessidades das Organizações Comunitárias de Base

Todas as OCB's focaram as maiores necessidades em termos de instrumentos de trabalho, motobomba e protecção contra compradores especuladores (ver tabelas 6 e7). No repovoamento pecuário, a maior necessidade está relacionada com o gado bovino, devido ao seu uso múltiplo, como para o transporte, lavoura, fonte de renda familiar, *lobolo* e alimentação.

A protecção contra compradores especuladores, é sentida pelos grupos religiosos (9/16), como pelos camponeses praticantes de ajuda mútua (27/41). Os compradores quando chegam nas aldeias exigem a compra dos produtos por preços baixos. Dado a necessidade de dinheiro para custear despesas, como a compra de amendoim, velas de iluminação, fósforos, sal, pagamento nas escolas, compra de cadernos escolares, óleo, e outros produtos, estes optam por aceitar o negócio. Os compradores especuladores chegam a trocar um saco de arroz (*Oryza sativa*) por dois cabritos (*Capra hircus*), o que não é favorável aos camponeses, no seu ponto de vista, porque saem a perder.

O Sr. Pedro Faife e Sra Samaria, referiram que *"não temos como não aceitar porque se eles chegam a mim e eu não aceito, ele vai contactar com o outro e este vai dar e eu também fico prejudicado porque não vou conseguir fazer o que quero, no entanto tenho que vender mesmo que o preço seja baixo"*. Outro entrevistado, Lucas Vilanculos, referiu *"a falta de união na definição de preços para o mesmo tipo de produtos, esperando que o governo ou por quem de direito lhes apoiem neste problema"*.

Do ponto de vista do pesquisador, estes problemas tornam-se em pontos fracos para as organizações comunitárias de base, para contribuição no PNL, dado existir uma certa coesão para a realização de actividades, mas não quando se trata da comercialização. Portanto, no caso de intervenções de desenvolvimento deve-se observar este aspecto nos grupos. Deve-se incentivar a união entre os produtores e isto poderia passar pela formação/aproveitamento das organizações já existentes.

O estabelecimento comercial também é uma das necessidades sentidas por estas OCB's, dado que nas três aldeias não existem infra-estruturas capazes de responder as necessidades destes grupos tanto em insumos agrícolas como em produtos diversos. Como forma de superar estes constrangimentos, há deslocações para a RSA à procura de produtos que não são acessíveis localmente, ou recorrem a Mapai-estação.

Tabela 6. Necessidades dos grupos religiosos

Necessidades	Nº de entrevistados em cada grupo religioso		Total
	Assembleia (N=8)	Zione (N=8)	
1. Instrumentos de trabalho (enxadas, catanas, machado)	7	6	13
2. Motobomba	5	6	11
3. Bois de tracção	4	6	10
4. Protecção contra compradores especuladores	2	7	9
5. Sementes de hortícolas	1	7	8

Tabela 7. Necessidades dos grupos de ajuda mútua

Necessidades	Nº de entrevistados nos grupos de ajuda mútua			Total
	Ngala N=18	Buiela N=12	Tchowe N=11	
1. Instrumentos de trabalho (enxadas, catanas, machados)	14	7	10	31
2. Motobomba	13	10	5	28
3. Protecção contra compradores especuladores	14	10	3	27
4. Estabelecimento comercial de diversos produtos	10	6	9	25
5. Repovoamento pecuário	10	4	6	20
6. Tractor com charrua	7	4	4	15
7. Sementes (hortícolas, amendoim " <i>Arachis hypogaea</i> ")	5	6	1	12
8. Raticidas e Insecticidas	3	3	3	9

Nota: As frequências nos dois quadros foram feitas consoante o número vezes que os membros focavam a necessidade

Da tabela 7, nota-se que nos grupos de ajuda mútua em Buiela e Ngala há uma maior necessidade de Motobomba (10/12) e (13/18) respectivamente, em relação a Tchowe (5/11). Esta necessidade pode estar ligada ao facto de nestas duas aldeias a WR e Caritas terem disseminado informações de vantagens do uso deste equipamento agrícola e também havendo possibilidades de rega, dado o rio Limpopo que passa perto. A aldeia de Tchowe, tem maior necessidade em instrumentos de trabalho (enxadas, catanas, machados), repovoamento pecuário e um estabelecimento comercial de diversos produtos, o que possa estar ligado a dispersão da comunidade devido a guerra que assolou o país.

Tabela 8. Avaliação sumária das necessidades das Organizações Comunitárias de Base por aldeia

Necessidades	Nº de entrevistados em cada aldeia			Total (N = 57)
	Ngala n=18	Buiela n=20	Tchowe n=19	
1. Instrumentos de trabalho (enxadas, catanas, machado)	14	14	15	43
2. Motobomba	13	15	10	39
3. Protecção contra compradores especuladores	14	12	10	36
4. Bois de tracção	10	10	12	30
4. Estabelecimento comercial de diversos produtos	10	6	9	25*
5. Sementes de hortícolas	5	7	8	20
6. Tractor com charrua	7	4	4	15*
7. Raticidas e Insecticidas	3	3	3	9*

* Não inclusos em toda a amostra (N = 57) dos respondentes, apenas dos membros praticantes de ajuda mútua

A maior necessidade dos grupos nestas três aldeias esta relacionada com instrumentos de trabalho (43/57), motobomba (39/57) e protecção contra os compradores especuladores (36/57). Neste âmbito, estas necessidades seriam as vias de intervenção do PNL e projectos de desenvolvimento rural às OCB's.

Portanto é possível existir uma relação, quanto ao possível envolvimento destes grupos no PNL e as suas necessidades. Com as condições agro-climáticas de Chicualacuala, o fornecimento de motobomba(s), seria umas das vias de intervenção para melhor desempenho destes grupos no parque, complementado com o apoio na parte de instrumentos de trabalho e sementes. Porque a iniciativa existe mas, falta-lhes apenas os meios para chegar aos fins, seria importante pensar nestas intervenções, ademais tendo em conta o futuro fornecimento às indústrias hoteleiras locais.

5.4.2. Análise de alguns aspectos socio-económicos das Organizações Comunitárias de Base

Nesta secção são analisados os conceitos abordados no quadro teórico (secção 2.3.), ligados aos aspectos socio-económicos. Abordar-se-á respectivamente a coesão social, a participação em intervenções externas e o aspecto económico.

5.4.2.1. Coesão social

Este aspecto é medido com base na existência ou não de conflitos, a forma de resolver e a aceitação dos objectivos pelo colectivo, que demonstram o ambiente dentro do grupo. Ainda, a existência de conflitos pode demonstrar se os grupos são apáticos ou activos, através da sua maneira de resolver. Podendo ser activos, se forem resolvidos ao nível local, em consenso com os membros dos grupos¹¹.

(i) Grupos de ajuda mútua

Nos grupos de ajuda mútua, todos os membros apontam que é bom participar tanto em *cofunana* como em *tsima* nesta forma de ajuda mútua, porque é possível acabar mais cedo as actividades. Segundo Fonseca (1993), a definição dos objectivos e aceitação destes pelo colectivo é um aspecto que define a sua coesão.

¹¹ Conversa informal com dr^a van Vugt

Da tabela 9, nos grupos de ajuda mútua é notório a existência de conflitos, focados pelos membros. Em Ngala, dos 18 entrevistados na forma *cofunana*, 4 manifestaram a existência de problemas no seio destes, os quais estão relacionados com o fraco desempenho de alguns membros nos trabalhos. O mesmo problema foi focado em Buiela (4) e Tchowe (6) e dez (10) na realização de *tsima*.

Tabela 9. Frequência da existência ou não de conflitos nas OCB's

Grupos	Existência de conflitos	Não existência de conflitos
Igreja Ass. De Deus de Buiela	1	7
Igreja Zione de Tchowe	2	6
<i>Cofunana</i> em Ngala	5	13
<i>Cofunana</i> em Buiela	4	8
<i>Cofunana</i> em Tchowe	6	5
<i>Tsima</i>	10	31

Na forma *cofunana*, para a resolução destes problemas, o dono da machamba pode pedir ao membro que não exerça correctamente a actividade a parar de efectua-lo, ou um dos membros pode falar com o elemento que não esteja a realizar devidamente a actividade, a efectuar de melhor forma. Esta é a principal forma de resolução usada.

Enquanto que nos grupos de *tsima*, a existência de problemas no seio dos grupos não é obstáculo e nem são frequentes, porque existe um respeito mútuo entre os colegas. Dos membros que frisaram a existência de conflitos (10) dizem que a forma de resolução varia. De princípio, começa-se a resolução no meio do trabalho envolvendo *massungucates*¹² ou *madodas*¹³. Se não for possível, leva-se este problema para as instâncias da aldeia, onde o problema é resolvido perante o régulo e os secretários do bairro.

Um aspecto particular focado em Tchowe, para problemas relacionados com a embriaguez de alguns membros, é de que existe um comité no qual são chamados os membros envolvidos em conflitos no dia seguinte para se debater a causa e a solução do problema. Como forma de demonstrarem que houve consenso é necessário pagarem uma multa estipulada consoante a gravidade do problema que varia de 25.000 a 50.000 Mts ou mediante o pagamento em espécies.

¹² pessoas mais idosas do sexo feminino com experiência em solucionar problemas, pertencentes ao mesmo grupo de trabalho

¹³ pessoas mais idosos do sexo masculino com experiência em solucionar problemas, pertencentes ao mesmo grupo de trabalho

Nos mesmos grupos existe diferenças nas respostas dos membros, quanto a existência ou não de conflitos. Como forma de analisar esta diferença, tomou-se como base os critérios de aderência nos grupos. Em Ngala e Buiela, a amizade, familiaridade e vizinhança foram os aspectos mais focados para a participação pelos membros de diferentes grupos, critérios focados por vários autores como principais para a aderência nas OCB's. Daí que para Ngala e Buiela, os membros de ajuda mútua focaram que não tem existido muitos problemas no seio dos grupos, o que pode implicar a selecção correcta dos membros.

Em Tchowe, 5 entrevistados afirmaram que não existe nenhum critério para a entrada nestes. Isto pode contribuir em entradas de membros, com o consenso de alguns, mas não para os outros. O que possa ter levado a número maior de membros a afirmarem a existência de conflitos.

Apesar de vários autores como van Vugt (1992), Manhiça, *et. al.* (1989), apontarem como um dos aspectos característicos das organizações tradicionais a *forte coesão interna*, o que o pesquisador notou principalmente para a forma de ajuda mútua *tsima* é que a coesão não é tão forte assim e pode variar de época para época.

(ii) Grupos religiosos

Olhando para os grupos religiosos, no grupo da Assembleia de Deus, a inexistência de conflitos é focado por 7 (sete) membros contra seis (6) da Igreja Zione. Enquanto que a existência de conflitos por um (1) da Assembleia de Deus e dois (2) da igreja Zione (ver tabela 9). Em ambos os grupos religiosos, a existência de conflitos deve-se principalmente ao fraco desempenho de alguns membros durante o trabalho. O que levanta algumas discussões com os outros membros, e isto resolve se durante o trabalho e nunca tiveram um problema que necessitasse de solução ao nível das instâncias tradicionais da aldeia.

A forma de resolver começa durante o próprio trabalho no campo, na qual pode-se usar conceitos bíblicos até que as pessoas se entendam. As vezes, ao se identificar logo o culpado, este é convencido pelo pastor ou *massungucates* e *madodas* a pedir perdão e continua-se a trabalhar.

"Nós nunca levamos problemas da organização para fora dela, o que é da organização é da organização" - palavras de Jonas Mbenzani, membro do grupo da igreja Assembleia de Deus.

Em relação aos objectivos traçados, em ambos grupos os membros estão de acordo com estes. A destacar que os membros do grupo da Assembleia dizem aceitar estes objectivos afirmando que trabalham e não foram obrigados. Os membros do grupo da igreja Zione dizem que aceitam os objectivos porque são básicos que um crente pode precisar numa igreja, que é ver a sua igreja apetrechada e também a sua família com garantia de boa assistência médica em hospitais com melhores condições.

“Nós temos um bom relacionamento porque tudo nós combinamos, desde o dia para trabalhar até a colheita dos produtos no campo”- Lídia Mathuassa e Lucas Vilanculos, membros do grupo da igreja Assembleia de Deus.

Portanto na visão do pesquisador, estes grupos são coesos, tanto com análise dos critérios usados, como também a partir de conversas informais tidas com os membros entrevistados. Fonseca (1993), enfatiza que na abordagem das OCB's, devem ser realçados os fins que os camponeses, ao se juntarem querem atingir. Elemento vital para a coesão interna de um colectivo, é a máxima clareza para todos os membros desses fins e dos meios e vias a utilizar. Nos grupos religiosos esses fins são transparentes e existe um consenso acerca deles.

5.4.2.2. Participação em intervenções externas

Para este aspecto, todas as OCB's nunca foram envolvidos em projectos/intervenções externas, tal facto deve-se também ao não aparecimento de projectos que necessitem de trabalhar com grupos organizados. Neste âmbito existe uma certa inexperiência destas OCB's em trabalhar com projectos de desenvolvimento, daí que a sua intervenção no PNL, necessite primeiro de alguma formação para o seu maior desempenho.

A partir de meados de 2003 a UNAC começou a operar em Mapai-rio, com projecto de fortalecimento das OCB's e comunidades, para a melhor prestação destes no PNL. Esta iniciativa, talvez pode permitir maior interacção das OCB's e intervenções externas.

5.4.2.3. Aspecto económico

Pijnenburg *e. al.*, (2000), apontam como principais “itens” para a análise do papel das OCB's em projectos de desenvolvimento, o uso de recursos florestais, actividades da machamba, Actividades fora da machamba (Construção de casas), artesanato, compra e venda de produtos fora da machamba, venda de

produtos da machamba. Estes "itens" são analisados nesta secção. Nota-se que alguns coincidem com as intenções do parque (vide 5.1.3.).

Quadro 1. Satisfação do aspecto económico pelas OCB's

Item	Grupos de camponeses			
	Assemb.	Zione	Cofunana	Tsima
Uso de recursos florestais	✓	✓	✓	✓
Actividades da machamba	✓	✓	✓	✓
Actividades fora da machamba (Construção de casas)	•	•	✓	✓
Artesanato	•	•	•	•
Compra e venda de produtos fora da machamba	•	•	•	•
Venda de produtos da machamba	•	•	•	•

✓ - satisfeito, • - não satisfeito

Do quadro 1, é possível ver que todos os grupos exploram os recursos florestais no parque, como estacas para a construção de casas, lenha para a preparação de bebidas e comida no caso da realização de tsima, e estacas para a construção de ou reabilitação das igrejas.

As actividades da machamba e praticadas fora que são satisfeitos pelas OCB's coincidem com as intenções do PNL. A frisar que os grupos religiosos não satisfazem as actividades efectuadas fora da machamba para o que são as necessidades do PNL.

As actividades da machamba estão relacionadas com a prática das principais culturas, como milho (*Zea mays*), feijão-nhemba (*Vigna unguiculata*), batata-doce (*Ipomoea batatas*) e abóbora (*Cucurbita pepo*). Enquanto que a principal actividade fora da machamba praticada por membros de ajuda mútua é a construção de casas e nos grupos religiosos é a visita aos seus membros, que não faz parte para a análise neste trabalho.

Economicamente estes grupos têm como sua principal actividade a agricultura, praticada nas margens do rio Limpopo. Não existem formas de crédito dentro desta, a venda de produtos não tem maior enfoque, por não ter-se produzido o suficiente para se implementar. A produção serve apenas para os seus membros e no caso de grupos religiosos inclui-se também os crentes necessitados. A fraca produção que se verificou, principalmente para as *matsangavas*¹⁴ deveu-se a falta de chuvas. Mas, há expectativa de a produção melhorar e vender-se excedentes.

¹⁴ Machambas distanciadas das margens do rio.

No geral, o desenvolvimento económico destes grupos é fraco e sustentando isto, o MITUR (2003), aponta que a infra-estrutura dentro e a volta do parque é muito pobre, contribuindo para a carência do desenvolvimento económico na região.

Na análise dos três aspectos socio-económicos, com exclusão da capital social, que não foi possível dado a necessidade de um tempo prolongado, apenas a coesão social foi forte para a forma *cofunana* e nos *grupos religiosos*. Os aspectos económico e a participação em intervenções externas são fracos, o que indica praticamente a sua fraca contribuição no PNL, podendo este fortalecê-los.

Sumariamente e tendo em conta o acima exposto, do quadro 2, abaixo, os pontos fortes e fracos das OCB's. Os pontos fortes estão sobretudo ligados à coesão social e os fracos relacionam-se com o fraco potencial organizacional e económico.

Quadro 2: Pontos fortes e fracos das OCB's

Grupos	Pontos fortes	Pontos fracos
Ajuda mútua e religiosos	<ul style="list-style-type: none">- Forte coesão entre os membros- Objectivos aceites pelo colectivo- Colaboração entre Jovens e velhos (diferentes faixas etárias)- Troca de experiência- Membros apoiam em instrumentos de trabalho (enxadas, catanas, machados, bois de tracção, charruas, sementes, e outros)- Troca de sementes, culturas- Grupos formados não apenas em condições familiares, vizinhança- Grupos fixos*- Realização mais rápida do trabalho- - Programação das actividades- Término do trabalho em curto espaço de tempo	<ul style="list-style-type: none">- Fraco potencial económico- Não execução das actividades relacionadas com o desenvolvimento do PNL- Falta de instrumentos de trabalho- Não definição da estrutura organizacional do grupo- Não entrada em consenso dos preços dos produtos nos seus campos particulares- Falta de fundos para aquisição de insumos

* Não aplicado para *tsima*

Do quadro acima é possível notar que, na forma de ajuda mútua *tsima* os membros não são fixos, isto depende mais da escolha do próprio dono e do "tamanho" da actividade a realizar e, o que leva a haver mudanças. E este aspecto negativo pode dificultar a contribuição no PNL.

Alguns pontos fortes convergem no que vários autores designam de função social. Nos quais, há troca de experiência entre jovens e velhos, alguém sente-se a pertencer um grupo e não sente-se isolado na convivência.

É observável que os pontos fracos podem ser explorados e transformados em fortes, para uma posterior exploração destes grupos e sucesso de diferentes projectos. Principalmente o da não realização das actividades relacionadas com o parque. O aspecto positivo mais importante é a coesão dos membros nos grupos, que é crucial para a inclusão dos grupos em projectos de desenvolvimento.

5.5. Interação entre o Parque Nacional Limpopo e as organizações comunitárias de base

Para a análise tomou-se como base os objectivos traçados na construção do PNL (vide secção 5.1.3), dos quais apenas foram seleccionados os que se fizeram sentir durante a pesquisa e que foram capazes de serem respondidos pelas OCB's. Que são os seguintes, *a) protecção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais, b) incentivar as comunidades locais, e outros parceiros relevantes a participarem na gestão dos recursos naturais e desenvolvimento do ecoturismo, c) desenvolvimento do turismo e d) desenvolvimento do turismo*, analisados complementado com as actividades praticadas pelos grupos.

Dos quatro objectivos seleccionados (ver quadro 3), apenas um foi satisfeito. É importante focar que a satisfação do objectivo não é na totalidade, dado que nas OCB's apenas os líderes de grupos religiosos, por serem mais influentes na zona, são incorporados com os técnicos do parque para incentivar as comunidades locais a aceitarem o projecto e os planos definidos no parque.

Quadro 3: Satisfação dos objectivos do PNL pelos grupos de camponeses

Objectivos da ACTF's	OCB's
1. Protecção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais.	•
2. Incentivar as comunidades locais, e outros parceiros relevantes a participarem na gestão dos recursos naturais e desenvolvimento do ecoturismo.	✓
3. Desenvolvimento do turismo	•
4. Oportunidade de emprego com a criação de postos de trabalho	•

✓ - satisfeito, • - não satisfeito

A *oportunidade de emprego*, actualmente não passa da formação de guardas para o exercício das funções no parque. Portanto esta seria uma das áreas a ser explorada pelas OCB's, mas a formação de guardas exige jovens capazes de efectuar qualquer exercício físico. Nas tabelas 1 e 2 (ver anexo 1),

nota-se que a maioria dos membros no seio dos grupos são idosos (39/57), sendo incapazes de responder aos treinos, não podendo contribuir para o emprego nesta área.

Actualmente, a interacção das OCB's no PNL não se faz sentir, talvez porque existem os comités do PNL que são as instâncias constituídas pela comunidade local, com uma ligação mais próxima com o projecto, dos quais alguns elementos para o emprego são seleccionados. A salientar que existe um envolvimento dos membros de grupos de camponeses, mas sem um tratamento especial, ou particular que reflecta serem membros de OCB's.

Segundo o coordenador de projectos na área comunitária, as OCB's podem assumir um papel de desenvolvimento no PNL. Saliou que a opção em trabalhar-se com base em comités, tem a ver com o objectivo de albergar a maior parte da comunidade, e não apenas uma parte desta, porque os grupos é uma parte da comunidade.

Portanto, no futuro é possível haver uma interacção entre as OCB's e o projecto do parque, podendo influenciar positivamente no seu desenvolvimento. Ainda, nos aspectos sócio-económicos, viu-se que actividades praticadas por estes grupos são a agricultura e a pecuária, importantes para a contribuição dos grupos no PNL.

Dado haver oportunidades de auto-emprego, turismo comunitário, projectos de criatividade, fornecimento de produtos às indústrias hoteleiras (vide secção 5.1.3.), a agricultura e pecuária seriam as áreas a serem exploradas. Fazendo produção de legumes, artesanato, para o fornecimento à diversas instituições hoteleiras a instalem-se no parque e aos turistas.

Do momento em todos os grupos entrevistados, nenhum tem esta visão ou perspectiva de começar este tipo de actividade, o que pode estar relacionado com a falta ou informação não detalhada pelas ACTF's, ou a fraca cooperação entre as OCB's e parque, que são alguns dos problemas levantados no PNL pela UNAC (2003). A outra causa pode ser a indecisão em relação ao futuro reassentamento destes camponeses, daí que estes grupos não estão a efectuar nenhuma actividade relacionada com o aproveitamento das iniciativas deste parque.

É de salientar que, todos os grupos com a excepção dos de *tsima*, podem desempenhar um papel de desenvolvimento no PNL. Isto porque, são grupos fixos (ver quadro 4), e formaram-se por iniciativas

locais, possibilitando uma maior contribuição e coesão nas suas actividades. O que se deve fazer é potenciar para que efectuem actividades relacionadas com o desenvolvimento do parque.

Sustentando a possível interacção entre o PNL e as OCB's, van Vugt (1992) e Manhiça, *et. al.*, (1989), nas suas pesquisas individuais, concluem que as OCB's, para a contribuição em projectos de desenvolvimento rural, tem a vantagem de já existirem e funcionarem na comunidade. Com aspectos tidos como fortes para exploração em projectos, a *coesão interna, existência de uma relação inter-familiar (as pessoas se conhecem há muito tempo), preservação da cultura e tradição, trabalho comunitário e manutenção de uma economia de subsistência que se rege por normas não escritas mas aceites plenamente pelos membros.*

Quadro 4: Objectivos das OCB's e permanência dos membros

Grupos	Objectivos	Permanência dos membros
Assembleia de Deus	Apetrechar a igreja e ajudar os crentes, visita e suas famílias	Grupo fixo
Zione	Apetrechar a igreja e ajudar os crentes e seus famílias	Grupo fixo
Cofunana	Ajudar as famílias	Grupos fixos
Tsima	Ajudar as famílias	Grupos não fixos

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1. Conclusões

Com base na metodologia usada chegou-se as seguintes constatações:

- As formas de ajuda mútua identificadas em Mapai-rio praticadas na agricultura, são o *cofunana* e *tsima*, cujos grupos variam de 4 a 7 (*cofunana*) e 6 a 20 (*tsima*). Estas formas de ajuda mútua tem grande enfoque na área agrícola para a subsistência das famílias e às vezes para a construção de casas. Vem sendo exercidas desde tempos remotos seguindo-se a transmissão de geração para geração. São formados na base das relações inter-familiares, amizade, vizinhança, simpatia, honestidade e espírito trabalhador.
- Na forma de ajuda mútua *cofunana*, os grupos são fixos, enquanto que na forma *tsima* não, existem alterações nos grupos, conforme a disponibilidade de cada um e dos recursos (comida e bebida) para satisfazer os membros. Na realização do *tsima*, o necessitado em mão de obra, chama os mais próximos e outros, preparando comida e bebida como forma de agradecimento pelo trabalho prestado.
- As razões para a união e exercício usando estas formas de ajuda mútua, é tida uma estratégia a quando da maior necessidade em mão de obra, para a realização mais rápida da actividade pretendida.
- Os grupos religiosos são pertencentes às igrejas locais, de igreja Assembleia de Deus e de Zione com a prática da actividade agrícola para as culturas de milho, feijão-nhemba, abóbora. Ambas, sem instrumentos de trabalho, gado para o exercício das actividades no campo usando dos seus membros.
 - O grupo da igreja assembleia de Deus foi fundado dado a necessidade dos crentes para a satisfação das necessidades alimentares de visitantes, usando como fonte os produtos provenientes da machamba do grupo, e não contribuição dos bens no final de cada ano (milho, utensílios, e outros produtos), incluindo também a reconstrução da igreja com o uso do material apetrechado.
 - O grupo da igreja zione, foi fundado com objectivo de ampliar as instalações da igreja, ajudar os crentes quando envolvidos em doenças, usando se o fundo obtido através da venda de produtos provenientes da machamba.
- Os membros dos grupos religiosos tem outras actividades fora das praticadas na machamba do grupos, que são a agricultura e a criação de gado bovino e caprino, que são efectuadas individualmente e usam também as formas de ajuda mútua para o exercício destas actividades.
- As necessidades das OCB's, estão relacionados com os instrumentos de trabalho, motobomba, protecção contra compradores especuladores, repovoamento pecuário e estabelecimento comercial.

- Para todos as OCB's estudadas, a satisfação dos aspectos socio-económicos, não foi na totalidade, como também dos objectivos traçados no PNL, com exclusão da capital social, que não foi possível dado a necessidade de um tempo prolongado, apenas a coesão social foi forte para a forma *cofunana* e nos *grupos religiosos*. Os aspectos económico e a participação em intervenções externas são fracos, o que indica praticamente a possibilidade de difícil contribuição no PNL.
- Quanto a contribuição das organizações comunitárias de base no parque nacional de Limpopo, actualmente não há possibilidade porque existem os comités de parque que são as instâncias com uma ligação mais próxima com este, do qual alguns elementos para o emprego são seleccionados.
- Os grupos, principalmente religiosos das Igrejas Assembleia de Deus, de Zione, e os de *cofunana* para ajuda mútua no futuro podem interagir com o PNL, de modo que consigam a auto-sustentabilidade, através do auto-emprego, turismo comunitário, projectos de criatividade, fornecimento de produtos à indústrias hoteleiras, caso de legumes, produtos de artesanato. Só que de momento em todos os grupos estudados, nenhum grupo esta a realizar estas actividades.

6.2 Recomendações

(i) À ACTF

- Que no futuro definam políticas capazes de defender as comunidades locais, dada a grande concorrência que poderá existir com grandes investidores, e o campesinato poderá sair desfavorecido.
- Incentivar actividades que possam beneficiar o desenvolvimento do parque, dos grupos e da comunidade no geral, através do fornecimento de motobomba(s) e instrumentos de trabalho.
- Deve continuar a trabalhar com a comunidade independentemente da estrutura de ligação que possa existir. O trabalho poderá estar associado a consciencialização sobre a gestão dos recursos naturais, eco-turismo, papel comunitário, entre outros assuntos de interesse mútuo.
- Para a implantação de projectos de desenvolvimento rural e havendo necessidade de se trabalhar com OCB's, os grupos de *cofunana* e religiosos podem contribuir em projectos de desenvolvimento sustentáveis, desde que sejam potenciados, com a excepção de grupos de *tsima* que são grupos temporários.

(ii) Às Organizações Comunitárias de Base

- Que se agrupem em associações ou uniões de modo a definirem mecanismos da sua protecção, para qualquer intervenção externa principalmente na coesão em relação aos preços dos produtos.

(iii) Às Uniões e organizações que apoiam o desenvolvimento das OCB's

- Promover a melhoria das condições materiais de vida das organizações através de um aumento da sua capacidade de auto-organização, autodefesa.
- Defender os camponeses em relação ao projecto de PNL, para manter o raio de vedação pedido pela comunidade/OCB's do rio Limpopo até ao parque, através da discussão de critérios com o Ministério sobre a tutela do projecto.
- Negociar projectos que observam como área de desenvolvimento o fornecimento de motobomba(s), e instrumentos de trabalho mesmo que seja em termos de aluguer com pagamentos no final da época agrícola, dado esta ser de maior necessidade para quase todos os grupos.

(iv) À Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DDADR)

- Que disponibilize a informação do sistema de informação de mercados agrícolas em relação a variação dos preços para que a comunidade e os grupos saibam discutir estes, com os comerciantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACNUR & PNUD, 1996, Perfis de Desenvolvimento Distrital: distrito de Chicualacuala, província de Gaza.
2. Adam, Y., Coimbra, H. & Owen, D., 1985, A pobreza no distrito de Chiuta: uma interpretação e sugestões para a acção. CEA, UEM.
3. AIM 19/03-11/04/02, <http://www.mol.co.mz/noticias/>.
4. Amós, E., 2002, Análise da Utilidade das formas de auto-organização Tradicional em Intervenções de Desenvolvimento Rural. Trabalho de Licenciatura. UEM/FAEF. Maputo.
5. Apontamentos da Cadeira de Desenvolvimento Rural (ADR), 2002, UEM/FAEF.
6. Beaudoux, E. & Nieuwkerk, M., 1985, Associações Camponesas em África, manual para acção. Lisboa, Portugal
7. Blunt, P. & Warren, D., 1996, Indigenous Organizations and Development. Intermediate Technology Publications, London.
8. Cardoso, F., 1993, Gestão e Desenvolvimento rural: Moçambique no Contexto da África Sub-sahariana. Fim do Século edições. Lisboa.
9. Chiavenato, I., 1995, Administração de empresas: uma abordagem contingencial, 3ª Edição, Makron books. São Paulo.
10. Chilundo, A. & Cau, B., 1999, Formas de Propriedade comum de Recursos Naturais no Sul de Moçambique, NET/UEM, Maputo.
11. DFID, 1998, Sustainable Rural livelihoods: what contribute can we make? Carney. London
12. Direcção Nacional de Desenvolvimento Rural (DNDR), 2000, Abordagem de Desenvolvimento rural em Moçambique, MADER, Maputo.
13. Eliseu, A. 1987, Formas de Cooperação e de ajuda mútua entre os camponeses Nhungwe de Tete, sul do Zambeze, UP. Maputo.
14. Ferrinho, H., 1993, Comunicação Educativa e Desenvolvimento Rural. Edições Afronta, Porto.
15. Filimão, E., & Massango, H., 2001, Comunidade e Maneio dos Recursos Naturais; memórias da 2ª Conferência Nacional sobre MCRN, UICN, Maputo.
16. Fonseca, J., 1993, A importância das organizações camponesas para o desenvolvimento agrícola na Guiné-Bissau.
17. Hicks, G., & Gullet, R., 1976, The Management of organization, New York.
18. Instituto Nacional de Estatística (INE), 2002, Anuário Estatístico da Província de Gaza.
19. Manhiça, A., Gonçalves, P., Liberman, G. & van Vugt, A., 1989, Proposta para o estudo das organizações camponesas tradicionais, DNER/MADER, Maputo.

20. Matakala, P., 1998, Guião para trabalhos de campo e investigadores em manejo florestal comunitário. Nota técnica nº 1, Projecto FAO – GCP/ MOZ/056/NET, DNFFB, Maputo.
21. MITUR, 2002, Great Limpopo Transfrontier Park Ministerial Meeting, Maputo.
22. MITUR, 2003, Plano de Gestão e Desenvolvimento do PNL, 1ª Edição, Maputo.
23. Nichols, P., 1991. Social Survey Methods: A field Guide for development workers. Oxfam, England.
24. Oakley, P. & Garforth, C., 1992, Guia de Formação para a extensão, FAO.
25. Olen, E., & Roy, C., 1981, A sociologia rural para os programas de acção, São Paulo.
26. Oram, 1997, Impacto da nova lei de terras, artigo 1.
27. Pijnenburg, B., & Cavane, E., 2000, Métodos e Técnicas de investigação Socio-económico, UEM/FAEF, Maputo.
28. Pijnenburg, B., Ribeiro, C., Tostão, E., Massingarela, C., Muianga, C., & Marsh, R., 2000, Estratégias de Geração de renda das famílias rurais e suas interacções com o ambiente institucional local, FAEF/UEM, Maputo.
29. Quadros, M., 1991, A legislação Moçambicana e o Movimento Cooperativo, Maputo.
30. Relatório de Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável, Moçambique Rumo a Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, Maio 2002, Maputo.
31. van Vugt, A., 1990, Relatório de Pesquisa realizada nas Províncias de Maputo e Gaza, DNER/MADER, Maputo.
32. van Vugt, A., 1992, Estratégias de Sobrevivência, “A organização da Força de Trabalho”, MADER, Maputo.
33. Vijfhuizen, C. & Waterhouse, R., 2001, Princípios de Organização, UEM/FAEF, Maputo
34. UICN, 2001, Consulta sobre o acordo GKG-TFP e levantamento socio-económico das comunidades da Coutada 16. UICN, Maputo.
35. UNAC, 2003, Relatório do seminário realizado na Província de Gaza, Maputo.

ANEXOS

ANEXO 1

Tabela 1. Relação entre homens e mulheres entrevistados membros das OCB's

Grupos	No de membros		Total	Intervalo de Idade
	Homens	Mulheres	H + M	
Igreja Assemb. de Deus	5	3	8	17 - 54
Igreja Zione	4	4	8	21 - 56
Ajuda mútua de Ngala	8	10	18	16 - 52
Ajuda mútua de Buiela	5	7	12	18 - 44
Ajuda mútua de Tchowe	5	6	11	17 - 39
Total	27	30	57	16 - 56

Tabela 2. Relação entre homens e mulheres jovens e idosos entrevistados nas OCB's

Grupos	Jovens		Idosos	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Igreja Assemb. de Deus	2	1	2	3
Igreja Zione	1	2	2	3
Ajuda mútua de Ngala	0	5	6	7
Ajuda mútua de Buiela	0	3	4	5
Ajuda mútua de Tchowe	1	3	4	3
Total	4	14	18	21

Tabela 3: Número de entrevistados por aldeia e OCB

OCB \ Aldeia	Ngala	Buiela	Tchowe	Total
Cofunana	18	12	11	41
Assembleia de Deus		8		8
Zione			8	8
Total	18	20	19	57

*Os mesmos membros foram inquiridos para o *tsima*

ANEXO 2

CHECK LIST

I. QUESTÕES PARA OS TÉCNICOS DAS ACTF's ACERCA DO PROJECTO PNL

1. Informação Geral
 - Local
 - Data
 - Nome
 - Sexo
 - Idade
2. O que acham do projecto?
3. Qual é a sua estrutura e funcionamento (Organograma)?
4. Como é efectuada a coordenação entre diversos sectores?
5. Como foi envolvido a comunidade?
6. Qual é o seu principal papel para a sua contribuição?
7. Quais são os recursos que a comunidade se beneficia dentro do parque?
8. Que constrangimentos (+ e -) este projecto trouxe a comunidade?
9. Que apoio oferecem para a resolução de aspectos negativos?
10. Quem coordena com as comunidades locais para o uso sustentável dos recursos e para aceitação dos propósitos do projecto?
11. O que esta se a fazer para alcançar os objectivos traçados na construção deste parque?/Quais são os planos e actividades no PNL?
12. Qual é a possível contribuição dos grupos/comunidade para com estes planos/actividades?
13. Qual é a futura ou actual ligação existente entre o projecto e a comunidade?
14. Existe estudo acerca do uso das organizações locais existentes em contribuir? Se sim. Qual?
15. De que o PNL esta a aproveitar das comunidades e acha crucial para o seu sucesso?
16. Que actividades pode a comunidade desenvolver para permitir o alcance dos objectivos?
17. Que conclusões tiraram em relação as reais necessidades das organizações camponesas e comunidades em particular nessas aldeias?
18. Como é envolvida a comunidade/OCB para esse projecto?

II. QUESTÕES PARA CAMPONESES PRATICANTES DE AJUDA MUTUA

1. Informação Geral
 - Local
 - Data
 - Nome
 - Sexo
 - Idade
2. A quanto tempo vive nesta aldeia?
3. Quais são as actividades que praticas? Porque?
4. Como tem sido a produção (agrícola e pecuária)?
5. Desde quando praticas essas actividades?
6. Quais são as culturas que praticas e animais que cria? Porque?
7. Com quem trabalhas na machamba
8. Porque praticas a ajuda mutua?

9. Para que actividades fazes?
10. Porque essas actividades?
11. Como é que efectua essas praticas de ajuda mutua? (Explicar melhor- Quem ajuda quem, quando).
12. Quais as formas de ajuda mutua praticam, relacionadas com a agricultura?
13. Que obstáculos tem enfrentado no meio do grupo?
14. Quais as vantagens e desvantagens que tem essas praticas de ajuda mutua? Comparando com as outras?
15. E quais são os procedimentos para estas formas de ajuda mútua?
16. Quais as razões que vos une para exercer estas actividades?
17. Quem teve esta iniciativa?
18. Como é que alguém pode entrar nessa grupo de ajuda mutua? Quais os critérios?
19. Existe uma divisão de trabalho no grupo? (Se sim) como procederam a divisão?
20. No caso de problemas entre os membros do grupo como tem solucionado?
21. Fazes parte de uma outra organização? (Se sim) qual?
22. Que actividades estão a desenvolver para atrair os turistas?
23. De quem foi essa iniciativa?
24. Como estão a explorar os recursos no parque?

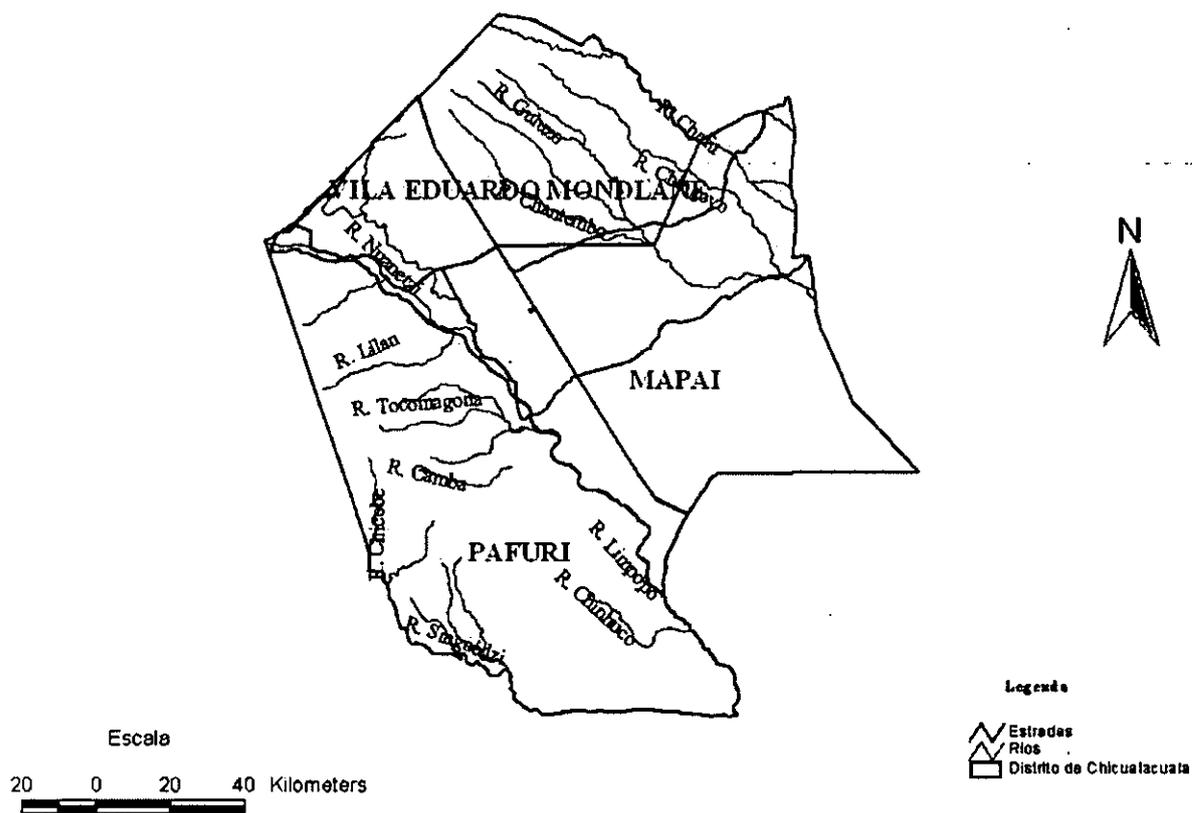
III. QUESTÕES AOS MEMBROS DOS GRUPOS RELIGIOSOS PRATICANTES DE ACTIVIDADE AGRÍCOLA

1. Informação Geral
 - Local
 - Data
 - Nome
 - Sexo
 - Idade
2. A quanto tempo vive nesta aldeia?
3. Quando foi fundada a vossa organização?
4. Quem fundou ? E porque?
5. Quais os critérios para fazer parte da organização?
6. Qual é a sua função nesta organização?
7. Quantos membros possui a organização?(Homens e Mulheres)?
8. Questões de género
 - ✓ O que as mulheres fazem?
 - ✓ O que os homens fazem?
 - ✓ A que se deve a divisão de trabalho?
 - ✓ Alguma coisa fazem todos em conjunto? O quê?
9. Quais são os vossos objectivos?
10. Concordas com os objectivos da organização?
11. O que te levou a fazer parte da organização?
12. Que actividades são praticadas pela organização em conjunto com os seus membros?
13. Que actividades tens fora das da organização?
14. Como tem sido a sua produção? O que afecta?
15. já participaram num projecto? (Se não, passa para 21)
16. como foram envolvidos?
17. De que se tratava esse projecto?
18. Os projectos foram de acordo com os vossos objectivos? (Sim ou não) Porquê?

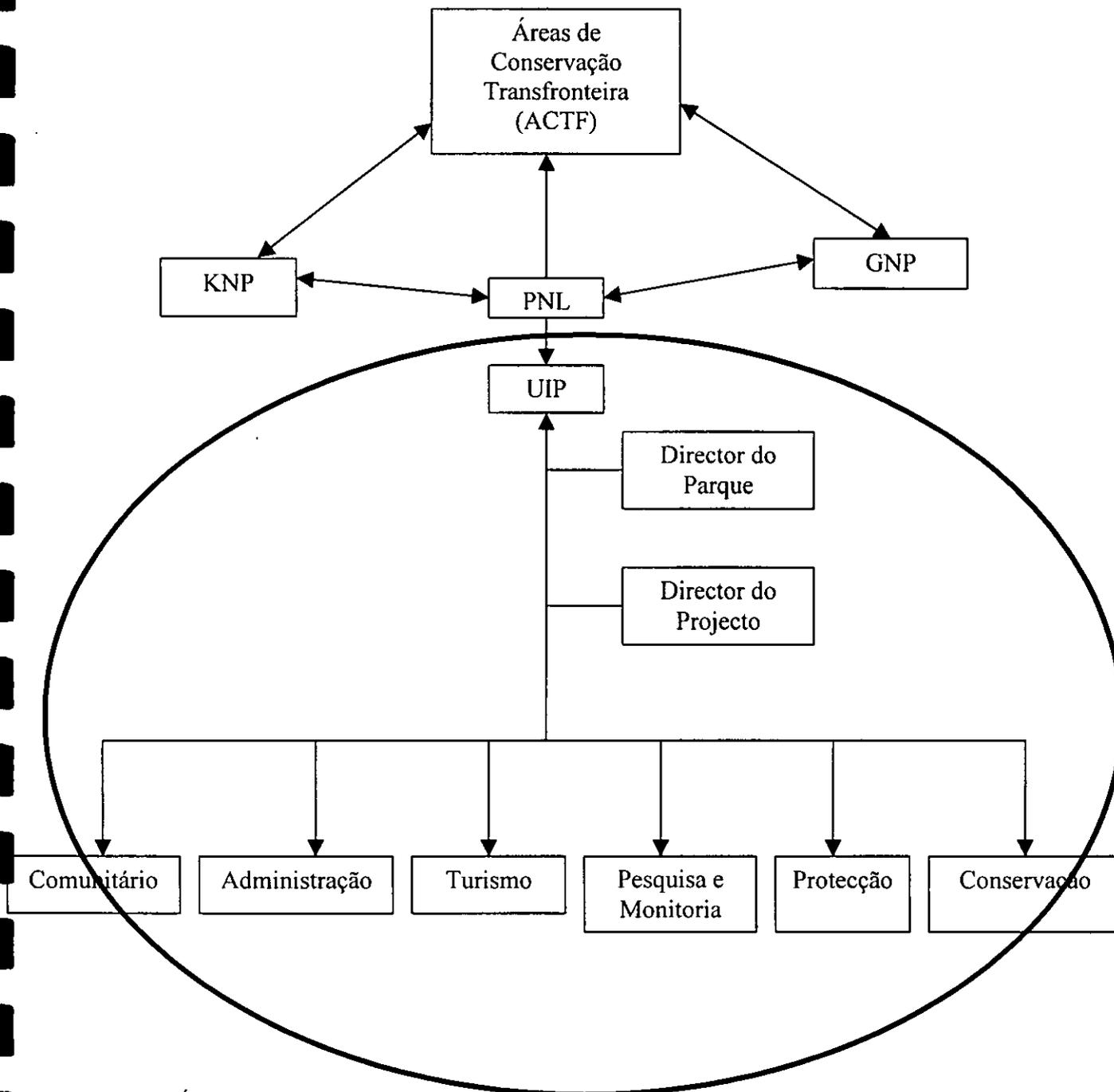
19. Qual é a relação entre os membros? E entre as organizações?
20. Como tem solucionado os conflitos dentro da organização?
21. O que acham do projecto PNL?
22. Como foi o vosso envolvimento?
23. Quais são os recursos que vocês se beneficiam dentro do parque?
24. Que actividades estão a desenvolver para atrair os turistas?
25. De quem foi essa iniciativa?
26. Que dificuldades estão a obter na execução dessas actividades?
27. Qual é a vossa posição em relação ao projecto (PNL)?
28. Que constrangimentos (+ e -) este projecto vos trouxe?
29. Como se dão com os aspectos negativos?
30. Quem coordena convosco para o uso sustentável dos recursos e para aceitação dos objectivos do projecto?

ANEXO 3: Mapa da área de estudo

MAPA DO DISTRITO DE CHICUALACUALA



ANEXO 4: Organograma da Estrutura do funcionamento do PNL



ACTF – Áreas de Conservação Transfronteira
GNP – Parque Nacional de Gonareszu
KNP – Parque Nacional de Kruger
PNL – Parque Nacional de Limpopo
UIP – Unidade de Implementação do Parque

Nota: A descrição cinge-se apenas a área que esta dentro do óvulo